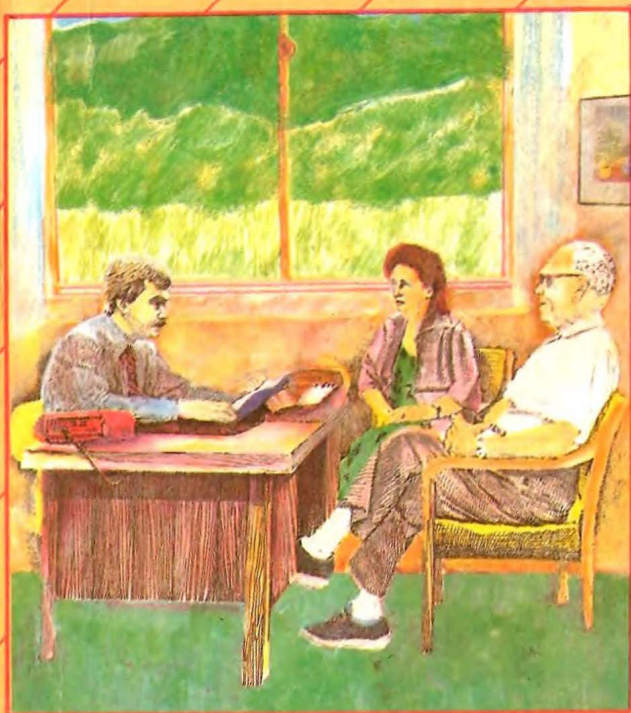


ACONSELHAMENTO NAS CRISES



JONAS PASCAL YU



O presente trabalho sobre aconselhamento nas crises é de suma importância para o dia-a-dia do pastor, pelo seu teor psicológico e psiquiátrico. O ministro de

Deus não é psicólogo nem médico; entretanto, precisa conhecer essas áreas, pois, no convívio com o povo, ele necessita ser polivalente, isto é, saber um pouco de tudo, estando certo de que seu maior propósito é o crescimento da igreja, visando sua saúde física, mental e espiritual. O autor, possuidor de uma vasta cultura, já escreveu 29 livros em inglês, japonês, taiwanês e chinês. Doutor em Sociologia e Filosofia, fala chinês, japonês, inglês, português e espanhol. Tenho certeza de que este livro trará grande benefício a todos os obreiros que colocarem em prática seu ensinamento.

Cherloques Souza

JONAS PASCAL YU

Mazinho Rodrigues

**ACONSELHAMENTO NAS
CRISES**



Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1987 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

253.5 Yu, Jonas Pascal

YUa Aconselhamento nas crises. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1987.

1 v.

1. Teologia pastoral. 2. Crises (Aconselhamento). 3. Psicologia cristã. I. Título.

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

10.000/1987

Índice

Prefácio	7
Introdução.....	9
<i>Teoria</i>	
1. O que é Crise	13
2. Crise e Aconselhamento.....	19
3. Estudo do Suicídio.....	31
4. Doença e Morte.....	39
5. Teorias da Crise	45
6. Aconselhamento de Crise e Psicologia.....	55
7. Aconselhamento de Crise e Teologia	61
<i>Prática</i>	
1. Características da Crise.....	65
2. Processo da Crise	71
3. Métodos de Aconselhamento de Crise.....	81
4. Estudo de Casos de Crise.....	95
5. Como Praticar Aconselhamento	101
Bibliografia Avançada.....	115

Salmo 46

Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares. Ainda que as águas rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza. Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo. Deus está no meio dela; não será abalada: Deus a ajudará ao romper da manhã. As nações se embraveceram; os reinos se moveram; ele levantou a sua voz e a terra se derreteu. O Senhor dos Exércitos está conosco: o Deus de Jacó é o nosso refúgio. Vinde, contemplai as obras do Senhor; que desolações tem feito na terra! Ele faz cessar as guerras até ao fim da terra: Quebra o arco e corta a lança: queima os carros no fogo. Aquietai-vos, e sabeí que eu sou Deus; serei exaltado sobre a terra. O Senhor dos Exércitos está conosco: o Deus de Jacó é o nosso refúgio.

Prefácio

O presente trabalho sobre aconselhamento nas crises é de suma importância para o dia-a-dia do pastor, pelo seu teor psicológico e psiquiátrico. O ministro de Deus não é psicólogo nem médico; entretanto, precisa conhecer essas áreas, pois, no convívio com o povo, ele necessita ser polivalente, isto é, saber um pouco de tudo, estando certo de que seu maior propósito é o crescimento da igreja, visando sua saúde física, mental e espiritual. Aconselhamento nas crises traz orientações de forma a colocar o pastor em condições de atender suas “ovelhas” nas adversidades circunstanciais da vida, as quais normalmente não se resolvem somente com jejum

e oração, mas também com os conhecimentos culturais e profissionais.

Sou conhecedor da grande necessidade de escritores evangélicos. Saliento minha felicidade em contemplar o pastor Jonas Pascal Yu com o propósito de disseminar a Palavra de Deus através da escrita. Possuidor de uma vasta cultura, já escreveu 29 livros em inglês, tailandês e chinês. Foi vice-diretor do Seminário Evangélico em Taiwan (China), pastoreou durante 35 anos igrejas nos EUA, China e Japão. É doutor em Sociologia e Filosofia. Fala chinês, japonês, inglês, português e espanhol.

Tenho certeza de que este livro trará grande benefício a todos os obreiros que colocarem em prática seu ensinamento.

Cherloques Souza
Diretor do IBES

Introdução

O estudo do aconselhamento na crise prende-se principalmente aos seguintes momentos da vida humana:

1. Crises gerais
2. Divórcio
3. Morte
4. Suicídio
5. Depressão

Uma vez que as pessoas vivem esses momentos e o pastor se coloca à disposição delas, necessário se faz que ele esteja apto a atender a essas pessoas, oferecendo-lhes ajuda psicológica.

No que diz respeito à aplicação da psicologia no aconselhamento, uns adotam o critério de usar somente as técnicas psico-

lógicas, sem a oração e a Bíblia, outros, adotando a oração e a Bíblia, rejeitam todas as técnicas psicológicas. Ambas as situações são extremas. É necessário usar a oração e a leitura da Bíblia, tendo as técnicas psicológicas como auxílio.

Evidentemente que, no caso da Psicologia Pastoral, não vamos caminhar pela área da Biologia, mas das Ciências Sociais, dada a natureza da atuação do pastor no aconselhamento.

Em termos de Mestrado, é básico que a matéria seja ministrada a partir da leitura mínima dos livros existentes na língua portuguesa, a saber:

1. Laurence J. Cranb Jr.
 - *Princípios Básicos de Aconselhamento Bíblico*
 - *Aconselhamento Bíblico Efetivo*
2. Jay Adams
 - *Conselheiro Capaz*
 - *Manual do Conselheiro Cristão*
3. Gary Collins
 - *Ajudando uns aos outros*
 - *Aconselhamento Cristão*

Observando-se os títulos desses livros, constata-se que eles têm uma ênfase no aconselhamento bíblico ou cristão. Isto significa que embora os autores tenham conhecimento dos recursos psicológicos, entendem que o aconselhamento deve ser

feito somente pela oração e pela leitura da Bíblia, sob a atuação do Espírito Santo.

A leitura desses livros básicos, existentes na língua portuguesa, e as aulas dadas, poderão dar condições mínimas para um bom desempenho do aconselhamento na crise. As aulas dadas serão originárias de três outros livros, a saber:

1. Howard J. Climbell Jr.
– *Basic Types of Pastoral Counseling*
2. Howard Stone
– *Crisis Counseling*
3. Granger Westberg
– *Good Grief*

Pelos estudos a serem feitos, poder-se-á compreender melhor o que seja a crise, a partir do significado da palavra em chinês. Na língua chinesa, a palavra “crise” é formada pela composição de outras duas palavras: *perigo* e *oportunidade*.

Isto significa que crise pode ser um perigo na vida de uma pessoa, quando ocorre, mas também pode ser uma excelente oportunidade para Jesus atuar. A vida moderna tem levado as pessoas a não terem tempo para as coisas de natureza espiritual. As pessoas dizem que não têm tempo para a igreja, nem para a oração, nem para a leitura da Bíblia. São pessoas que não têm tempo para conversar. Têm um tipo de vida muito corrida, cheia de velocidade. De repente, acontece a crise. Alguma coisa

surge e interrompe a maneira como a pessoa estava vivendo. É perigoso, porque a pessoa pode entrar em depressão e até mesmo cometer suicídio, quando não encontra uma solução para a sua crise. Todavia é também uma oportunidade. Uma oportunidade que se apresenta ao pastor. O pastor não cobra honorários por atendimento e nem torna a entrevista um fato desagradável, como a consulta a um psiquiatra. O pastor passa a ter a oportunidade de se aproximar daquela pessoa e prestar ajuda. Quando o pastor atua, cria-se também uma oportunidade para a própria pessoa. Sua vida passa a ser melhor avaliada e pode mudar, passando a ter uma nova vida, como é do desejo de Jesus.

Foi assim que aconteceu com o apóstolo Paulo, conforme leitura de Atos 9. Ele tinha sua própria vida. De repente veio a crise, quando ele foi surpreendido pela luz que caiu do Céu e pela voz que ouvia. Perdeu sua visão. Passou a ser conduzido pela mão de outra pessoa. A partir desse acontecimento, a sua vida mudou.

O autor

1 O que é Crise

Não vamos dar uma definição acadêmica do que seja crise, no sentido em que a palavra é usada. Vamos sim nos servir de exemplos que vão ajudar a compreender o que seja a crise. Vejamos esses exemplos:

1. *Momento crítico de saúde*

Todas as pessoas já tiveram ou vão ter algum problema de saúde. É normal que todas as pessoas tenham algum tipo de enfermidade. As pessoas sabem disso, até mesmo por causa das estatísticas que são divulgadas. Mas quando a doença chega na vida da pessoa, então acontece a crise. Tanto se a própria pessoa fica doente, como se outra pessoa próxima sofre a en-

fermidade. A pessoa fica perguntando por que ela foi vítima ou por que a doença aconteceu com alguém tão próximo.

2. *Obstáculos na vida*

Sejam quais forem as experiências que as pessoas estejam vivendo, elas vão ter obstáculos, empecilhos (hump) a serem vencidos. Quando esses empecilhos ou obstáculos (problemas) são maiores do que a pessoa, então ela fica paralisada. Não sabe como resolver o problema, não sabe como sair da dificuldade. Nesse momento vem a crise.

3. *Frustração*

As pessoas traçam planos, têm sonhos e desejos que querem ver realizados. Quando não conseguem ver a realização dos seus desejos, então ficam frustradas. É o momento da crise. É como se uma formiga quisesse sair de uma panela quente e não conseguisse.

4. *Dilema*

Um dilema é uma escolha entre duas situações diferentes. Quando não há urgência de decisão, a pessoa pode ficar pensando mais tempo sobre a escolha, mas quando a decisão se faz necessária o mais cedo possível e a pessoa não sabe o que vai escolher, então entra em crise. A escolha

entre duas namoradas, ou dois empregos, ou dois caminhos, etc.

5. *Moradia*

Onde quer que a pessoa esteja, ela precisa de moradia. A moradia é mais importante ainda se existe uma família. Os próprios imigrantes enfrentam o problema da moradia. Às vezes ficam no hotel, mas é preciso dinheiro todo o dia para pagar ao hotel. A moradia em favelas ou grupos traz inconveniências emocionais, geradas pela violência e pela imoralidade. Principalmente na zona urbana as pessoas vivem o problema da moradia e, quando não conseguem resolvê-lo, entram em crise.

6. *Trabalho*

As pessoas trabalham porque precisam de dinheiro. Mas o desemprego é crescente. Também existe a falta de mão-de-obra especializada. Às vezes existe uma vaga, mas a pessoa não sabe como trabalhar. O regresso ao lar de uma pessoa sem emprego é cheio de tristeza. Muitas vezes a pessoa sem trabalho foge para a bebida. Também passam a existir conflitos familiares. Chega o momento da crise.

7. *Nervos*

Essa vida humana, principalmente na cidade, com todos os obstáculos, dificulda-

des, disputas, falta de amizade, dificuldade da língua, promoção social, insônia, insegurança, atinge os nervos da pessoa. Ela passa a ter uma crise de nervos.

Quando uma pessoa pede socorro (SOS) é um sinal de que ela está em crise. A crise pode aumentar se não houver ajuda. Na língua chinesa, a palavra “hospital” é composta por duas outras palavras; *perigoso e imediatamente*. Significa um lugar que atende ao perigo imediatamente. É o “pronto-socorro”.

Se uma pessoa está em crise é como se na sua vida não existisse o sol brilhando. Uma crise é um dia sem sol.

Muitas vezes uma pessoa, quando está em crise, acaba fazendo coisas que normalmente não faria. Uma pessoa normal quando em crise pode cometer ações anormais.

O quadro vai piorando se começar a se suceder as crises: uma crise gerando outra crise e a pessoa vai ficando sem saber como resolver as crises de sua vida.

Para isso é que existe o aconselhamento. Para ajudar a pessoa, inclusive ajudando-a a enfrentar o fato que esteja vivendo. O aconselhamento é uma ajuda externa para que a pessoa possa sair da crise em que se acha. O conselheiro deve ajudar a pessoa a se ajudar a sair da crise.

O aconselhamento assim tão útil deve ser ministrado não somente aos membros da igreja, mas também a outras pessoas do bairro ou da cidade que buscam essa ajuda. O pastor pode ensinar também aos seus membros a ajudarem as pessoas que necessitam de socorro.

É necessário nos nossos dias o aconselhamento nas crises da vida.

Crise e Aconselhamento

Essência da Crise

A partir deste ponto, vamos relacionar crise com aconselhamento mais diretamente. Para o exercício desse aconselhamento, o conselheiro precisa conhecer a *essência* da crise. Em sua essência, a crise é uma reação emocional interna a um acontecimento externo. A reação emocional que caracteriza a crise é o medo, o pânico, o terror. Se qualquer acontecimento externo não produzir essas reações emocionais, então não está caracterizada a crise.

O aconselhamento está voltado para a crise individual, embora exista a crise coletiva. Esta porém é estudada em sociologia.

O aconselhamento da crise é aquele que acontece nos mais diferentes momen-

tos da vida, motivado pelas mais diferentes circunstâncias. Vejamos algumas dessas circunstâncias que podem gerar crises, requerendo aconselhamento:

1. *Desemprego*

É um problema social, vivido em muitos lugares, mas torna-se pessoal quando a própria pessoa ou alguém de sua família perde o trabalho.

2. *Morte de responsável*

Uma pessoa pode perder alguém que a sustenta economicamente. Pode ser pai, mãe, irmão mais velho, etc. A pessoa fica sem saber como obter recursos financeiros.

3. *Perda de honra*

A honra pessoal está relacionada ao nome da pessoa. Quando um nome é prejudicado por qualquer acontecimento, a pessoa fica muito abalada.

4. *Perda de posição social*

Veza por outra as pessoas passam por dificuldades, mas a perda de uma posição social pode acontecer. Um bom emprego perdido, perda de bens, fracasso financeiro, ausência de títulos, tudo pode fazer a pessoa perder sua posição no local.

5. *Operação cirúrgica*

A existência de enfermidades e de hospitais torna a operação um fato notório, mas uma pessoa nunca espera por sua própria operação, principalmente se essa operação resulte em amputação (perda de pernas, de mãos, etc).

6. *Morte de pessoa querida*

A morte acontece a todos, mas quando atinge alguém que é querido, isso provoca uma situação de dor. A pessoa pode se sentir sozinha, como também morrer logo depois.

7. *Enfermidades graves*

Há uma série de doenças comuns, que as pessoas aceitam normalmente (gripe, dor de cabeça, desarranjo, etc). Porém há outras doenças graves, como o câncer, AIDS, tuberculose. Essas deixam as pessoas perplexas.

8. *Divórcio*

As notícias divulgadas informam que o divórcio tem aumentado a cada dia, mas as pessoas não presumem que o divórcio possa acontecer em sua própria família. Podem até mesmo brigar, mas não esperam a separação definitiva.

9. *Alcoolismo*

Algumas pessoas bebem quando estão alegres ou quando vão a festas, mas isso é diferente de beber por causa de tristezas, para esquecer os problemas pois pode levar ao alcoolismo, gerando crise ou morte.

10. *Narcóticos, analgésicos*

Uma pessoa pode sentir dores e tomar analgésicos, como também perder o sono e tomar narcóticos, mas quando a ingestão de analgésicos ou narcóticos começa a ser constante, ela pode ficar em crise pela dependência medicamentosa, como também pode até mesmo morrer por excesso ou intoxicação.

11. *Deficiência física*

Um derrame cerebral, um acidente de trabalho, um acidente de trânsito, um vírus, pode levar uma pessoa a um estado de deficiência física não esperado, tornando-a incapaz e sentindo-se inútil.

12. *Gravidez*

É normal na vida que a mulher fique grávida, menos quando a mulher é solteira ou quando a família não quer mais filhos. Uma gravidez inoportuna gera até mesmo conflitos.

13. *Aborto*

O aborto pode se tornar uma tentativa de resolver uma crise de gravidez inoportuna, mas sendo um fato que sofre rejeições sociais, morais e religiosas pode gerar uma outra crise.

14. *Mudanças*

As pessoas, às vezes, mudam de residência, de emprego, de igreja e até recebem bem a mudança. Há ocasiões porém quando a mudança pode ser imposta, obrigada, forçada, ferindo laços familiares de amizade, padrões sociais, situações financeiras, etc.

15. *Calamidades*

As calamidades estão acontecendo em todo o mundo, mas sempre estão distantes. Quando porém acontecem no local onde a pessoa está, ou quando afetam algum parente, então a situação é outra.

16. *Guerras*

O mundo vive pequenas guerras e está sob a ameaça de mais uma guerra mundial. Porém essas guerras só chegam através do rádio, jornal ou da televisão. O surgimento de uma guerra no local onde a pessoa reside ou que envolve um ente querido, é situação suficiente para crise.

17. *Depressão financeira*

É perda do valor do dinheiro. Pode ocorrer quando existe falência, dívidas, roubos, maus investimentos, incêndios. A pessoa fica sem saber como resolver seu problema financeiro. Uma crise financeira às vezes gera suicídio.

18. *Suicídio (tentativa)*

É o clímax de uma crise ou de várias crises que não puderam ser resolvidas. A pessoa se sente impotente diante dos problemas surgidos. Vê a morte como única solução, embora ela mesma não queira morrer.

19. *Imigração*

Um imigrante ou sua família vive problemas graves, como de aculturação, diferença de língua, costumes e hábitos desconhecidos, perda de posição social, novo começo, etc.

20. *Velhice*

Embora a velhice seja um fato patente diante dos olhos, a velhice em muitas sociedades causa rejeição, perda de oportunidades, abandono em asilos. Nem todas as famílias sabem tratar seus velhos com dignidade.

Um conselheiro precisa estar atento a essas circunstâncias que tornam o seu tra-

balho de aconselhamento uma bênção na vida de pessoas que estejam vivendo problemas.

Crises Normais e Acidentais

Podemos também chamar este ponto de aconselhamento preventivo. Isto significa que uma crise pode ser prevista e prevenida. Um terremoto, um acidente de carro, um incêndio, tudo acontece repentinamente, mas há outros acontecimentos que são facilmente previsíveis. A previsão desses acontecimentos pode fazer com que o conselheiro trabalhe preventivamente, evitando crises. Vejamos acontecimentos que podem ser previstos e evitadas as suas crises:

1. Nascimento

A gravidez em uma mulher é algo que pode acontecer inesperadamente. A mulher sente-se mal com a deformação do corpo, o medo do parto, assim como pode estar num lugar de difícil acesso. Um aconselhamento preventivo é aquele que prepara a mulher para a maternidade, quer mostrando a honradez da maternidade, quer dando orientações sobre parto, controle de natalidade, etc.

2. Adolescência

Uma pessoa, quando deixa de ser criança e passa a ser jovem, ela sofre uma

série de transformações físicas, psicológicas e sexuais. Muitas vezes a família ou a sociedade cobra do adolescente, deixando-o confuso. Ora, o trata como criança, ora como adulto. O aconselhamento preventivo prepara o adolescente e sua família para essas mudanças.

3. *Casamento*

No casamento há pessoas que só pensam no lado romântico, fantasioso, ignorando o papel do sexo. Também existem os desajustes emocionais, intelectuais, culturais, morais e de gostos. Muitas vezes um casamento não é um fim de problemas, como às vezes os noivos pensam; é sim o começo de problemas para as duas pessoas. O aconselhamento preventivo faz-se através de entrevistas com os moços e moças e com os noivos, assim como pondo-se o aconselhador à disposição dos casais.

4. *Vida sexual*

As pessoas têm recebido uma carga enorme de informações a respeito do sexo. É um assunto liberado em alguns lugares e para algumas pessoas, enquanto é ainda um assunto proibido para outras pessoas, em outros lugares. Tanto a liberação como a proibição geram problemas graves. O aconselhamento preventivo se faz com a função do conselheiro tratando também do assunto de maneira natural e séria.

5. *Controle de natalidade*

A quantidade de filhos pode ser diferente de uma família para outra e também de um lugar para outro. Uma família pode também querer muitos filhos, embora a sociedade não permita. A limitação dos filhos é hoje um assunto em pauta. Torna-se um problema social a superpopulação, com falta de emprego e de alimentos. O aconselhamento preventivo orienta os casais a respeito do controle da natalidade.

6. *Orçamento financeiro familiar*

Muitas famílias não sabem usar o dinheiro que têm. Às vezes, o marido gasta dinheiro em rodas de amigos e outras vezes a esposa gasta dinheiro com vaidades pessoais. Uma família que gasta mais do que recebe ou mesmo a que gasta o mesmo que recebe pode ter problemas financeiros que levam a situações críticas. O senso de economia, com orientação financeira, faz parte do aconselhamento preventivo.

7. *Meia-idade*

É o momento na vida de uma pessoa quando ela começa a ver seus cabelos ficarem brancos, as pequenas rugas começam a se formar no rosto, a gordura a se alojar na barriga. Olham para os jovens e percebem que a sua juventude está ficando

para trás. Um aconselhamento preventivo ajuda a pessoa a passar pela meia-idade sem entrar em crise.

8. *Velhice*

Se todos sabem que vão ficar velhos, então a velhice pode ser prevenida. O falar lento do idoso, suas histórias antigas, sua incapacidade física podem ser tratadas de tal maneira que o idoso se sinta honrado no local onde esteja. O aconselhamento preventivo atua tanto junto ao idoso, como junto à família, à igreja, à sociedade.

9. *Aposentadoria*

O problema maior da aposentadoria não é tanto a perda de trabalho. Afinal, o trabalho não é lá uma coisa tão adorada. O problema é que o trabalho é símbolo de valorização pessoal, importância, utilidade. Uma pessoa que se aposenta pode ter um aconselhamento preventivo, de tal maneira que compreende o valor que pode ter em outros locais, com outras atividades.

10. *Morte*

A morte muitas vezes toma o sentido trágico e rejeitado, porque traz em si a idéia de perda de oportunidade, perda de experiências boas, perda de entes queridos. Um aconselhamento preventivo a respeito da morte tanto no seu destino final

como no que ela significa, ajuda a pessoa a enfrentar a experiência da morte de maneira diferente.

Definição de Crise

Todos esses exemplos até agora dados são suficientes para que se compreenda o que seja crise. Assim, podemos ter as definições de crise da seguinte maneira:

1. Reação interna emocional diante de um acontecimento externo (obstáculo). Alguma coisa que aconteça, mas não produza reações emocionais (medo, pavor, pânico) não caracteriza uma crise. Também um fato pode produzir reações emocionais em uma pessoa e não produzir em outra pessoa. Assim a crise pode variar de uma pessoa para outra.
2. Perda da capacidade para resolução do problema surgido. Uma pessoa, quando é atingida por um problema externo, pode ficar incapaz de resolvê-lo. Essa incapacidade caracteriza a crise. É evidente que essa incapacitação que caracteriza a crise é temporária, podendo durar de 4 a 6 semanas.
3. Comportamento psicológico anormal gerado por emoções afetadas. A

pessoa normal se torna anormal em seu comportamento, ora ficando sentada por longo período, ora ficando com o olhar no vazio, ora ficando a andar de um lado para outro, etc. É um comportamento anormal numa pessoa normal.

Estudo do Suicídio

O primeiro livro que abordou o assunto do suicídio foi escrito por um sociólogo, que se chamava Durkheim (1858-1914), francês. Ele, como sociólogo, viu o suicídio como um fato social.

Em 1955, foi registrado no Japão o maior índice de suicídios, num total de 22.138. Essa estatística mostrou que naquele ano ocorreram 2,5 suicídios para cada 10.000 pessoas e que uma pessoa comete o suicídio a cada 2,30 horas. Também foi constatado que a maior ocorrência é entre as mulheres.

O estudo do suicídio hoje tem sido objeto de interesse cada vez mais acentuado, inclusive a partir das estatísticas levadas

ao conhecimento público. Através dessas estatísticas, puderam ser estudados os seguintes itens:

- a) Idade: é entre os jovens que existe a maior incidência de suicídios.
- b) Sexo: é entre os homens que o suicídio mais está presente.
- c) Culturas: são os intelectuais que mais têm praticado o suicídio.
- d) Causas: principalmente a profissão e o sustento financeiro têm levado os homens à prática do suicídio.
- e) Meios utilizados: os japoneses usam espada (samurai);
as mulheres cortam os pulsos ou tomam comprimidos;
os homens usam cordas ou armas (revólveres);
os antigos usavam veneno de cobra ou sicutá, enquanto hoje o corte do pulso, os comprimidos, as armas e a corda são os meios mais usados.

1. Atuação pastoral

O suicídio tem sido considerado “pecado” em termos religiosos, mas esse conceito não tem impedido a sua ocorrência. Têm acontecido suicídios entre pessoas que freqüentam igreja sem vida, mornas. O suicídio não tem acontecido apenas entre pessoas “anormais” (doentes), mas entre pessoas normais que estejam em crise.

Inclusive, muitas pessoas podem confessar sinceramente que já tiveram a experiência de pensar no suicídio em algum ou vários momentos da vida, quando estavam enfrentando problemas.

É importante por isso que o pastor esteja junto, principalmente dos jovens, sabendo das suas crises, para evitar o suicídio ou até mesmo o pensamento do suicídio. O pastor deve assentar-se ao lado dos jovens e conversar com eles sobre os problemas que estejam vivendo, e suas crises.

O pastor deve saber que o pensamento do suicídio pode chegar também a pessoas de idade madura, que, com o suicídio, pensam estar fazendo planejamento existencial ainda melhor para o Além. As dúvidas sob vários aspectos da experiência humana podem levar a pessoa a um plano pessoal melhor, colocando-a em crise para buscar a morte.

2. *Ocasões perigosas*

O pastor deve conhecer as ocasiões perigosas, quando as pessoas estão mais propícias ao suicídio:

1) *Sentido da vida*. Quando as pessoas começam a pensar no sentido ou no significado da vida, elas podem estar vivendo uma experiência dramática. A filosofia não é suficiente para ajudá-las a encontrar o

significado existencial. É o cristianismo puro que vai ao encontro das necessidades dessas pessoas, mostrando-lhes Jesus como aquele que dá valor à existência.

2) *Amor*. O amor é um tema de suma importância na vida. Os problemas na área do amor são dos seguintes tipos:

- a) amar sem ser amado
- b) ser amado sem amar
- c) querer amar duas pessoas
- d) não amar e nem ser amado

Os problemas na área do amor podem ser maiores quando se relacionam a um casamento que seja imposto pela família. Outras vezes a não compreensão do que seja o amor, confundindo-o com sexo, pode deixar a pessoa ainda mais em crise.

3) *Reconhecimento pessoal*. As pessoas querem reconhecimento pessoal e muitas vezes buscam esse reconhecimento nos esportes, na cultura ou na vida financeira. Se uma pessoa não tem reconhecimento no seu grupo, vivendo no anonimato, ela passa a ter uma vida de solidão. Esse estado de esquecimento por parte do grupo em que está pode levá-la ao estado de crise e ao suicídio.

4) *Desvalorização feminina*. No mundo oriental a mulher não tem oportunidade de falar e por isso acaba ficando com seus problemas reprimidos. Não tem importância qual é o seu sentimento. Essa situação

existe também no Ocidente, embora em menor escala. Diante dos problemas que venha a enfrentar e, não tendo como resolvê-los, a mulher pensa no suicídio como saída.

5) *Urbanismo*. A vida da cidade, cheia de tensões, exigências, disputas, nervosismo, violência, intranquilidade, insegurança, faz com que as pessoas vejam no suicídio uma oportunidade de “descanso”. A vida urbana não favorece a aproximação das pessoas. Pelo contrário, mesmo que estejam morando perto, em apartamentos, ou se encontrando juntas em ônibus, trens, lojas, praças, etc, elas são desconhecidas umas das outras: não encontram ajuda.

3. *Estudo das causas*

É um capítulo difícil de se estudar, principalmente por dois motivos. Primeiro porque a pessoa que já cometeu o suicídio não pode falar realmente do que viveu. Está morta. Segundo, porque quem tentou o suicídio e não teve êxito, não gosta de falar sobre o assunto. De qualquer maneira, ficamos sabendo que, para que uma pessoa cometa o suicídio, seja qual for a causa, ela passa por três experiências:

a) ter a certeza de que vai realmente morrer;

b) ter o verdadeiro desejo de morrer;

c) ter a vontade de morrer pelas pró-

prias mãos (se quer morrer por ela mesma.)

Às vezes, a causa da morte é induzida. No caso de um ladrão que esteja sendo perseguido pelos policiais. Ele pode ficar entre duas situações opostas: entregar-se à polícia ou fazer alguma coisa que resulte na sua morte (lançar-se de um precipício, por exemplo).

No caso do povo oriental, algumas situações levam a pessoa ao suicídio, mas o suicídio é considerado uma *honra*. Nas culturas orientais (chinesa, japonesa, e outras), quando uma pessoa comete suicídio em obediência ao Rei, isso é uma honra. Outras vezes, matar a si mesmo é mais honroso do que morrer nas mãos de outros. À mãe que mata os filhos e se mata a si mesma isso lhe é honroso, porque o faz em nome do amor.

De qualquer maneira, quer no Oriente ou no Ocidente, o suicídio ocorre porque existem problemas que não podem ser resolvidos. A diferença entre o Ocidente e o Oriente é que num lugar é considerado honra e no outro lugar é considerado covardia. Essa diferença faz com que o número de suicídios no Oriente seja maior do que no Ocidente. Porém o suicídio existe em todos os lugares.

4. *Psicologia do suicídio*

Muitas vezes uma pessoa, quando comete o suicídio, deixa um testamento e deixa também uma carta ou um bilhete, dizendo as razões de sua morte. Embora nem todos realmente expliquem a verdadeira razão psicológica do suicídio, esses bilhetes ou cartas são confiáveis e se tornam instrumentos da psicologia.

Os seguintes tipos de pessoas estão inclinadas mais facilmente ao suicídio, por causa de seus problemas de origem psicológica:

1) *Melancólicos*. Pessoas que facilmente se entristecem com as coisas que lhe acontecem. Têm uma solidão presente em sua vida. Sua vida desagradável acaba levando-as para a morte, embora só aceitem a idéia do suicídio a longo prazo. Elas desejam acabar com a tristeza de sua vida. Em seu bilhete ou carta costumam escrever: "Perdoem-me. Eu não queria entristecer vocês, mas tive de morrer".

2) *Esquizofrênicos*. São pessoas facilmente inclinadas ao suicídio nos momentos quando a sua doença começa a se manifestar. Começam a se verem como alvo de perseguições, comentários, acusações, etc. Nessas ocasiões cometem o suicídio, justificam-no nas atitudes das pessoas que as estavam cercando.

3) *Neuróticas*. Uma pessoa neurótica é aquela que tem um desajuste com os que a cercam, por causa de algum choque que teve. Um acontecimento externo, uma palavra dura, uma experiência trágica, pode tornar uma pessoa neurótica.

Entre os orientais, se uma pessoa inocente é acusada de roubo, ela tem um forte choque e comete o suicídio como expressão de protesto, para declarar sua honra, sua honestidade. No Ocidente a pessoa passa a viver sob tensão, angústia, e tem crises.

Essas pessoas, quando morrem, deixam no bilhete ou na carta ou no testamento orientações para todos os parentes. Podem usar um acidente como suicídio. Muitos desastres automobilísticos, na verdade, são usados para o suicídio, embora a polícia não saiba disso.

Diante do estudo que fizemos, é claro e patente o quanto se torna fundamentalmente importante o aconselhamento pastoral na crise que antecede o suicídio. Se o pastor pode ajudar uma pessoa a sair de sua crise, ele evita o acidente que a leva ao suicídio.

Doença e Morte

1. *Doença*

Podemos compreender as conseqüências da doença na vida humana se nos voltarmos para a história e nos lembrarmos de um famoso líder religioso. Ele se chamava Buda e teve outros títulos em outros países (Sakiya, em chinês; Mumi, em taionês; Sidarta, em japonês), mas seu verdadeiro nome de família era Gotama. Ele começou uma das maiores religiões do mundo, porque suas atenções se voltaram para a dor, o sofrimento. Estava inquieto por saber a razão por que existia o sofrimento no mundo. Queria saber quando podia acabar o sofrimento.

1) *Tipos de sofrimentos*. O conceito geral é de que o sofrimento humano tem

maior incidência quando a dor é física, acontece no corpo. O exemplo de Jó, na Bíblia, é um dos mais citados em todo o mundo. Mas o sofrimento não existe apenas no corpo. Ele também pode estar na alma, ou espírito, e na mente. Uma pessoa pode ter forças para enfrentar um sofrimento físico, mas se seu espírito também for atingido pela dor, então o sofrimento é ainda maior. Jó sentiu-se ainda mais em sofrimento quando viu que sua própria mulher e seus próprios amigos não compreendiam o que lhe estava acontecendo. Começaram a dizer palavras que o faziam sofrer ainda mais.

Uma pessoa que já tem sofrimento físico (no corpo) deve ser confortada por palavras que venham a suavizar sua dor.

2) *Médico e pastor.* Na sociedade ocidental, quando uma pessoa começa a ter um sofrimento, ela é imediatamente encaminhada ao médico. É no médico que estão todas as esperanças de restabelecimento da saúde. Visão de que só o médico pode ajudar.

A visão de Deus porém é diferente. A cura de uma pessoa do seu sofrimento, tanto pode acontecer pelo restabelecimento direto do organismo, como também pela atuação junto ao seu espírito, à sua alma, à sua mente. Há médicos que, sabendo disso, sempre estão confiando a Deus cada

caso médico. Buscam a ajuda de Deus nos momentos de atendimento clínico ou de operações. Sabem que, às vezes, terão de tomar decisões importantes sobre a vida de uma pessoa em frações de segundo.

Existe uma inter-relação entre o corpo e a alma, e o espírito de tal maneira que é o contato com o pastor que pode ajudar o médico no restabelecimento da saúde.

Jesus, quando atendia às pessoas, Ele o fazia de modo integral. Tanto ministrava junto às suas necessidades espirituais, como às suas necessidades físicas.

3) *Tempo da doença.* O aconselhamento pastoral se faz necessário também porque, às vezes, a doença pode durar um longo período. Os membros da família são afetados, começando a ficar esgotados. O próprio doente começa a se sentir um fardo para a família. A crise se acentua e, de repente, a morte pode chegar através do suicídio ou da eutanásia. No caso de eutanásia, algum parente resolve dar fim à longa doença (às vezes com vida apenas vegetativa), cortando os fios e os tubos de oxigênio.

Uma pessoa doente, e bem assim a sua família, devem ser objeto de um atencioso atendimento pastoral, através de aconselhamento.

2. Morte

A morte atinge a todos os viventes, quer do reino animal, como do reino vegetal. Morrem os peixes, as aves, os animais, o homem, as plantas, as árvores. Mesmo assim as pessoas não se acostumam com a idéia da morte. Podemos verificar isso:

- a) as pessoas não gostam nem de usar a palavra “morte”;
- b) no Japão, o número 4 é a mesma palavra que morte; por isso não há o número 4 nem nos hospitais nem nos hotéis. Não querem ouvir falar da morte. O mesmo acontece na China.
- c) O chinês, quando acontece um sepultamento, dá as costas para o defunto. Isto significa que não quer saber da pessoa mais, porque ela morreu.

1) *Morte e religião*. No estudo da religião, é a morte um tópico de fundamental importância. Para alguns estudiosos, a religião começa a partir da existência da morte. O medo da morte acaba fazendo a religião existir. A cerimônia de sepultamento é quase sempre um ato religioso.

2) *Influência da morte*. A morte influencia tanto a pessoa que por ela está passando, como também as pessoas que a cercam (parentes ou amigos). Montaigne (1533-1592) ficou tão impressionado com a

morte de um amigo, que escreveu livros, passando a estudar sobre a morte. Um seu livro tem como título “Quem sou eu”. Neste livro ele está preocupado com a morte.

O existencialismo mostra o quanto a morte afeta as pessoas. Foi o sentimento da morte que fez com que os filósofos existencialistas vissem a vida como “nada”.

3) *Atuação pastoral*. O aconselhamento do pastor junto às pessoas que estão no processo de morte ou à família delas, tem de ser de tal maneira, que a religião por ele representada seja de um valor extraordinário.

Na China, não há relação de religião com a família. Por isso, o monge budista só é chamado quando existe casamento ou morte. Mas esse atendimento budista não atende às necessidades psicológicas e espirituais das pessoas. É mera formalidade religiosa. Quando uma pessoa só vê a igreja em três ocasiões de sua vida, isto significa que a religião para ela não tem valor. Se a igreja só serve para batismo, casamento e funeral, então a religião não atinge um dos momentos mais importantes da existência humana, que é a morte.

O aconselhamento e a atuação pastoral tem de ser de tal maneira, que, no momento da morte, a igreja, a Bíblia, a oração, o Espírito de Deus, tenham um valor inestimável.

Teorias da Crise

Já temos estudado que crise é uma reação emocional interna a um obstáculo externo. Quero agora, para efeito de melhor fazer o aconselhamento, dizer o que penso de uma crise e qual é a minha teoria.

1. *Teoria da existência de causa*

No estudo das ciências, sabe-se que existem os efeitos e as causas. O estudo das causas de uma crise dá maior conhecimento sobre ela.

Já vimos que as crises podem ter causas acidentais ou naturais. Um acidente de carro que resulte numa doença tem uma causa acidental. A menstruação de uma moça tem como causa um fenômeno natu-

ral, porque a menstruação feminina faz parte da vida da mulher.

É preciso porém observar que uma pessoa que viva uma determinada crise pode diferir de outra, que não vê na experiência um motivo para crise. A verdade é que uma experiência que causa crise numa pessoa pode não causar em outra pessoa. As reações variam de pessoa para pessoa.

Muitas vezes a pessoa pensa que alguém esteja vivendo uma crise por causa de uma determinada experiência e que essa pessoa sabe as causas. Porém existem pessoas que não conseguem saber quais foram as causas.

Outras vezes pode ser até que a pessoa pense que sabe as causas, quando, na verdade, as causas são outras, inclusive para ela desconhecidas. De qualquer maneira, embora uma pessoa tenha idéias erradas a respeito das causas, o importante é que essa pessoa procure falar sobre o que ela pensa serem as causas. Algumas perguntas podem ajudar a pessoa a falar. O medo pode impedir de se comunicar, mas um ambiente favorável, que inspire confiança também contribui para que a pessoa compartilhe o que esteja em seu coração.

No momento quando um pastor está fazendo o aconselhamento da crise, ele deve entender que aquela não é a hora para fazer um sermão. Não é a hora para desen-

volver suas qualidades de homilética. A sua presença compreensiva deve contribuir para que a pessoa possa dizer o que sente.

Para descobrir as causas, os conselheiros devem usar técnicas psicológicas que estão disponíveis hoje. Uma pergunta que pode ser feita é a respeito da duração da crise. Durante quanto tempo a pessoa já está envolvida na crise. Há perguntas a que a pessoa não responde, mas talvez possam ser respondidas por familiares, embora existam ocasiões quando a família realmente nada sabe. A experiência foi vivida em segredo. Há ocasiões quando uma família pode dizer qual seja a causa por intuição. A intuição é também um instrumento de conhecimento.

Assim, o conselheiro, além de ver os efeitos que estejam diante de seus olhos, deve também trabalhar na descoberta das causas que determinaram a crise.

2. Teoria de como é o processo

Uma pessoa quando passa por uma experiência que resulte em crise, passa por quatro estádios diferentes:

- 1) Sofre as causas
- 2) Avalia o acontecido
- 3) Busca soluções
- 4) Entra em crise

Podemos examinar separadamente cada um dos estádios desse processo. Vejamos:

1) *Causas*. A pessoa pode já ter vivido experiências semelhantes em outras ocasiões, porém naquela época não foram suficientes para gerarem uma crise. A capacidade de uma pessoa para viver uma experiência varia de tempo para tempo. Também a reação depende do próprio tipo de pressão que venha a sofrer, segundo sua intensidade. Se uma pessoa sofre uma pressão numa época, com determinada intensidade, não significa que ela tenha condições de suportar a mesma pressão em outra época. Uma quantidade de acontecimentos, um após o outro, como socos numa luta de boxe, pode acabar levando a pessoa a no-caute. Suporta um soco, três, dez, mas depois de algum tempo não resiste mais.

2) *Avaliação*. Fazer a avaliação do que esteja acontecendo faz parte do processo. A pessoa procura entender o que esteja acontecendo; inclusive, é capaz de avaliar os seus próprios sentimentos. Procura usar seu raciocínio para avaliar todas as dimensões do fato.

É importante ressaltar, todavia, que a própria capacidade de avaliação de uma pessoa pode variar de pessoa para pessoa e de época. Uma pensa (ou pode pensar) na sua avaliação que tem condições para su-

portar o que esteja vivendo, mas, na verdade, não tem. Pode pensar que, como outra pessoa foi capaz de passar por aquela experiência e sair ilesa, ela também pode.

3) *Solução*. Uma série de experiências vividas em várias épocas pode contribuir para que uma pessoa se torne hábil em achar soluções para certos problemas. Consegue aprender inclusive uma série de técnicas.

Além disso, outras pessoas que também passaram por experiências semelhantes podem contribuir dando soluções e ajudando a resolver esses problemas, inclusive através de livros e folhetos.

Todavia, as soluções podem não ser achadas pela própria pessoa e nem vir de outras pessoas de fora. Há certas experiências que são vividas pela primeira vez, como o casamento. Por outro lado, outras pessoas não conseguem ajudar porque não apresentam as soluções certas. Apresentam soluções inadequadas.

4) *Crise*. Quando a pessoa perde a esperança de achar soluções, quer de dentro de si, quer de outras pessoas de fora, então começa a viver a crise. O tempo vai passando e a solução não chega.

Por isso, a presença do conselheiro, no tempo certo, com a solução adequada, ajuda a pessoa a sair da crise e evita que a cri-

se se torne ainda mais profunda, chegando ao suicídio.

3. *Teoria do significado pessoal*

A leitura da notícia da morte de uma pessoa num jornal, ouvida no rádio, vista pela televisão, não significa nada para a maioria das pessoas. Porém, quando a situação acontece com a própria pessoa, envolvendo também seus parentes chegados, então aquilo passa a ter um significado muito grande. Passa a ter um significado pessoal.

Mesmo a maneira pessoal de sentir um fato varia de intensidade para intensidade, com significado diferente. Citando como exemplo o caso da morte de uma irmã, essa morte pode ter significado pessoal diferente, conforme vemos:

- a) Se existem outros irmãos e irmãs;
- b) Se só restarem irmãos;
- c) Se a pessoa morta não tinha mãe;
- d) Se não era casada;
- e) Se a pessoa era a que mais ajudava;
- f) Se não tinha outros amigos íntimos,

e

g) Se não tinha outros a quem entusiasmasse.

A morte dessa irmã tem um significado ainda mais profundo se todos esses itens forem contestados.

Um objeto (livro, carta, flor, papel, jornal) ou um animal (cão, pássaro, peixe, etc) pode ter um significado muito pessoal para a maioria das pessoas. Qualquer coisa que atinja esses objetos ou animais produz reações emocionais, porque tinham significado pessoal.

Assim também com relação ao pregador do evangelho. Quando o pregador anuncia que, pelo evangelho, as pessoas que aceitam Jesus deixarão de ter dores, sofrimentos, problemas, esse pregador está ignorando o drama que, várias pessoas crentes, que o estão ouvindo, estão vivendo. Sua maneira de pregar, apresentando um evangelho barato ignora problemas que para outras pessoas tem um significado muito especial (filho paralítico, perda do emprego, morte de um parente, furto, etc). Jesus, quando pregou o evangelho, Ele disse que os crentes teriam sofrimento. A diferença é que contariam com a presença de Jesus no meio do sofrimento. É um erro ignorar o significado pessoal do sofrimento. Uma pessoa que está sofrendo e ouve o evangelho desse modo, pode ficar em crise, sem entender o que lhe esteja acontecendo.

O conselheiro, diante de situações as mais difíceis, não pode, por isso, apenas usar técnicas psicológicas. Há situações na vida que atingem a pessoa tão profunda-

mente, que somente pela atuação do Espírito, da oração, da leitura da Bíblia, é que a pessoa poderá superar a crise. Só a presença de Jesus pode dar condições de paz e tranquilidade nas crises humanas.

4. *Teoria da solução da crise*

Quando uma pessoa está em crise, ela precisa de soluções. Para encontrar as soluções que necessita nesse momento de sua vida, a pessoa necessita ter duas coisas fundamentais:

1) *Experiência*. Citando como exemplo a situação de uma pessoa que tenha saído para visitar uma igreja em outro lugar e no meio da viagem o carro quebrou. A crise começa a surgir quando a pessoa não pôde voltar para consertar o carro e nem pode ir à igreja que planejou. Nesse caso, não adianta chorar nem gritar nem reclamar, nem brigar. É preciso agir. Para agir, porém e achar a solução, a pessoa precisa ter experiência. Quanto mais experiência mais saberá sair da crise, resolvendo o problema. Assim, todo acontecimento que a pessoa experimente ao longo de sua vida vai lhe dando mais e mais experiência, tornando-a habilitada a resolver problemas, na medida em que eles vão surgindo.

2) *Conhecimento*. Outro recurso que a pessoa tem para encontrar a solução é o conhecimento. Quanto mais uma pessoa tenha conhecimento em sua vida, mais terá

condições de resolver problemas. Por exemplo, um pregador que é chamado a pregar precisa de comunhão com Deus, pois, quanto mais comunhão com Deus ele tiver, mais inspirados serão os seus sermões, mas também precisa de conhecimento, precisa estudar a Palavra de Deus. Quanto mais conhecimento ele tiver, mais atraente será o seu sermão. Muitas vezes uma pessoa religiosa se nega a ter conhecimentos, afirmando que sua vida deve ser sustentada apenas pela fé. É a negação da ciência. Porém quanto mais uma pessoa estuda, mais conhecimento ela tem. Quanto mais conhecimento, mais condições de resolver problemas. Um biólogo começa estudando um inseto e depois ele vai aprofundando o seu conhecimento sobre o inseto, especializando-se em áreas diferentes. O conhecimento especializado restringe o conhecimento geral mais e mais, porém aprofunda o conhecimento numa pessoa numa determinada área. Uma pessoa que tenha conhecimentos limitados ficará em dificuldades para resolver problemas.

5. Teoria do aumento da crise

Uma crise que uma pessoa venha a ter em sua vida diante de um obstáculo pode aumentar gradativamente à medida em que o tempo vai passando e não acha soluções. Se uma pessoa está num barco, com sua esposa e filho e esse barco afunda, pro-

vocando a morte da esposa e do filho, a pessoa terá sua crise aumentando gradativamente:

- a) barco afunda
- b) morre filho
- c) morre esposa
- d) chegada sem ninguém
- e) autocrítica (moral, ética, social).

Quanto mais pensa no que aconteceu, mais aumenta sua crise.

No caso de uma outra pessoa que esteja viajando num barco e nesse barco começa a entrar água e ameaça afundar, ela precisa resolver o problema da entrada de água. Não existem meios de tapar o buraco no barco, martelo, nem rolha, nem pano, nem madeira. O único meio de tapar o buraco é usando a mão. Com isso ele fere sua mão, tentando tapar o buraco. No caso, ele preferiu passar pelo sofrimento a ter de morrer. Mas à medida que a dor for aumentando, também vai aumentando sua crise.

Meu pensamento diante dessas teorias é de que o conselheiro precisa ter, além das técnicas psicológicas, a ajuda de Deus, da Bíblia e da oração. Jesus é o Bom Pastor que vai ajudar no aconselhamento. É a atuação de Deus, da oração e da Bíblia que vai atuar na personalidade total (mente, coração e corpo ou mente, espírito e corpo).

Aconselhamento de Crise e Psicologia

Uma vez que o aconselhamento é uma área da Psicologia, torna-se necessário que venhamos a ter uma definição de Psicologia, para que melhor entendamos o que seja aconselhamento.

Considerando a Psicologia como o “estudo da pessoa”, já começamos a ter dificuldades. Existe um provérbio chinês que diz mais ou menos o seguinte:

“Se fosse possível escoar as águas dos mares, poderíamos ver o fundo, assim também não é possível conhecer o íntimo de uma pessoa”.

Sócrates disse: “Conhece-te a ti mesmo”. Se o conhecimento de si mesmo é difícil, quanto mais o conhecimento de ou-

tra pessoa. Conhecer o íntimo de outra pessoa é muito mais difícil.

Com relação à palavra “Psicologia” (psique + logia) sabe-se que, no seu sentido original, significava “estudo da alma”. Todavia, hoje o sentido de “psique” traz outras idéias como: mente, intelecto, emoção, espírito, caráter, personalidade, comportamento.

1. *Histórico*

O estudo histórico da Psicologia pode ajudar na compreensão do seu significado.

Aristóteles (384-330 a.C.) foi quem primeiro escreveu um livro sobre o assunto e nele considerou a “alma” como o conteúdo dos seus estudos.

Descartes (1596-1650) ampliou o sentido, considerando nos seus estudos tanto a alma como o corpo.

Kant (1724-1804) dividiu o estudo em três áreas que ele considerava como objeto de suas conclusões: intelecto – emoções – vontade.

Essas idéias a respeito da Psicologia eram, até pouco tempo, em alguns livros, consideradas pelos filósofos. Eles entendiam que a Psicologia era uma área da Filosofia.

Foi a influência da Filosofia inglesa, de Hume (1711-1776) e de Mile (1773-56

1836) que fez com que a Psicologia passasse a ser uma ciência independente.

Wundt (1832-1920), tornou-se o primeiro psicólogo, embora alguns o tenham considerado um filósofo. Como psicólogo, foi quem, em 1878, organizou o primeiro laboratório de experimentação psicológica.

Weber (1795-1878), que era um célebre fisiologista (uma área da Biologia), pretendeu que a Psicologia fosse uma parte da Biologia, uma vez que entendia as emoções e os pensamentos determinados pelo organismo.

Fechner (1801-1887), que era um matemático, seguindo o pensamento, quis comparar as leis psicológicas com as leis matemáticas.

Hoje ainda existem pessoas que não conseguem deixar de ver a Psicologia como uma matéria dentro das ciências naturais. Se a pessoa é um ser vivente que tem comportamento influenciado pelo organismo, então a Psicologia deve fazer parte da Biologia. Da mesma maneira, por causa da influência que uma pessoa recebe do meio ambiente, alguns querem que a Psicologia seja uma área da Sociologia.

2. Divisão

Ao se tornar ciência independente, a Psicologia passou a ser dividida segundo as várias áreas da vida humana, além de ter

os seus estudos básicos. Entre essas divisões destacamos:

- a) Psicologia da Educação
- b) Psicologia da Política
- c) Psicologia Comercial
- d) Psicologia da Cultura, etc.

Considerando que o homem é um ser religioso (ao lado do ser político, estético, artístico, e que a religião é parte da Cultura, então na divisão da Psicologia da Cultura existe a Psicologia da Religião.

Essa divisão da Psicologia, nos dias atuais, está cada vez sendo dividida em partes mais específicas. Essa crescente divisão acaba ignorando que a pessoa é um ser inteiro, uma pessoa total – uma personalidade.

Para entender as diferenças da personalidade, os estudiosos (alguns deles) querem estudar o caráter. O caráter pode ser estudado através de testes e avaliações psicológicas. Porém os estudos têm mostrado que o caráter de uma pessoa é dinâmico e não estático. Por isso o caráter não tem sido o instrumento perfeito para se entender as diferenças de personalidade.

Outros estudiosos, ainda para compreender a personalidade, querem estudar o comportamento (behavior), pensando que através do comportamento se possa conhecer a personalidade.

3. Definições

Diante desses fatos, torna-se muito difícil ter uma definição suficiente e completa a respeito do que seja psicologia. Vejamos algumas tentativas de definições:

a) J.P. Guilford: “É o estudo da ação do homem, principalmente do seu espírito, ao reagir ao meio ambiente”

b) Mc Dougal: “É o estudo da humanidade”

c) E.G. Brong: “É a ciência sobre o homem”

d) Outros: “É o estudo do comportamento”

Agora vamos dar mais uma: “É o estudo das inter-reações internas aos obstáculos externos”.

4. Classificação

Antes de terminarmos essa parte, precisamos saber onde fica situado o aconselhamento. Considerando que a Psicologia Aplicada é uma parte da Psicologia, temos;

Psicologia – Psicologia Aplicada

- Educacional
- Criminal
- Industrial
- Comercial
- Militar
- Vocacional
- Médica

Temos de considerar o aconselhamento como uma parte da Psicologia Médica. Esta se divide assim:

- Psicologia – Psicologia Aplicada
 - Psicologia Médica
 - Clínica
 - Aconselhamento

O aconselhamento usa as técnicas psicológicas para ajudar as pessoas na solução dos seus problemas. No caso do pastor, é preciso que ele saiba até onde vai a sua limitação, procurando não entrar na área médica. É muito perigoso o pastor, no exercício do aconselhamento, entrar na área médica.

Aconselhamento de Crise e Teologia

Se o aconselhamento de crise acontece também em termos de aconselhamento pastoral, necessário se faz que igualmente se saiba qual o seu lugar na Teologia. Para ajudar a compreender o aconselhamento sob a Teologia, vamos ver *uma* divisão da Teologia.

Teologia

- Bíblica
- Histórica
- Sistemática
- Aplicada (Prática)

Na Teologia Aplicada existe uma subdivisão, que é a seguinte:

Teologia Aplicada

- Homilética
- Evangelismo
- Missões
- Ministério Pastoral
- etc

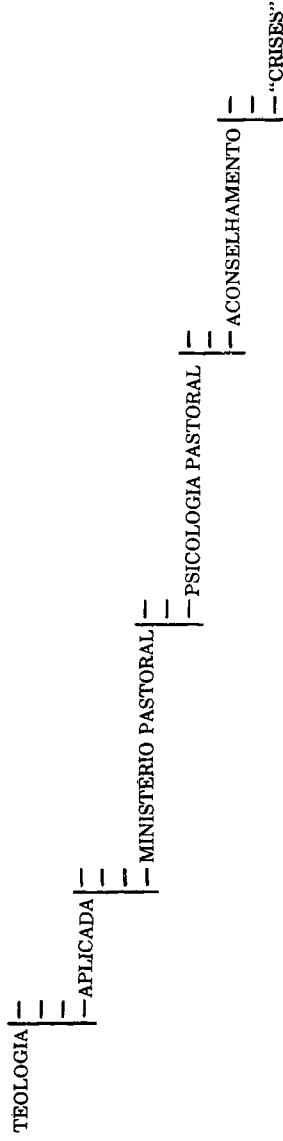
Entendemos que na área do Ministério Pastoral (Care Pastoral) está a Psicologia Pastoral. É na Psicologia Pastoral que entendemos deva estar o Aconselhamento Pastoral. Embora alguns autores queiram considerar os dois separadamente (Psicologia Pastoral – Aconselhamento Pastoral), achamos que o aconselhamento é uma parte da Psicologia Pastoral.

Por sua vez o Aconselhamento Pastoral está dividido em vários tipos, entre os quais o aconselhamento de *crise*, como veremos abaixo:

Aconselhamento Pastoral

- Crises
- Pré-nupcial
- Familiar
- Vocacional
- Grupo

O diagrama abaixo mostra a totalidade:



Assim, podemos compreender perfeitamente que aconselhamento tem seu lugar na Teologia. Um pastor, para aconselhar, precisa não apenas saber ⁹³ Psicologia, mas também Teologia.

1

Características da Crise

Estamos agora iniciando uma nova parte em nosso estudo, quando vamos aplicar a parte teórica, já estudada anteriormente. Embora venhamos a fazer referências já feitas na primeira parte, nosso propósito é uma visão mais prática.

Quero abordar as características da crise, tanto quando a pessoa nela entra, como quando a pessoa dela sai.

1. *Entrando na crise*

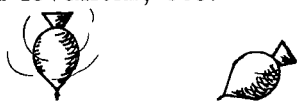
As características que mostram uma pessoa entrando na crise são as seguintes:

1) *Instabilidade*. Usando a figura de um triângulo, podemos comparar uma pessoa que esteja vivendo normalmente

com outra que começa a ter atitudes anormais. O primeiro triângulo tem sua base de forma horizontal, o que mostra estabilidade. O segundo triângulo, invertido, evidencia instabilidade. O triângulo invertido perde sua estabilidade, tanto pode cair para um lado, como para outro. Uma pessoa em crise perde sua estabilidade. Pode agir tanto de uma maneira como de outra.



2) *Agitação*. Uma outra ilustração que podemos usar para dar outra característica da crise é a do pião. O pião roda, roda, roda. Sua estabilidade é decorrente do fato de estar rodando. Se ele pára, perde o equilíbrio e cai. Uma pessoa tem a sua vida normal girando, girando, girando. Se ela perde o equilíbrio, fica parada numa só atitude, mostra crise: calada, olhar fixo, deitar sem levantar, etc.

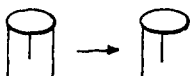


3) *Perturbação*. Considerando a totalidade do ser de outra maneira, podemos dizer que uma pessoa é:

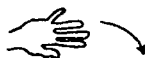
- a) intelecto
- b) emoção
- c) vontade

Uma pessoa está em crise quando uma dessas áreas é atingida. Fica perturbada. A

figura de um banco de três pés é boa para ilustrar. Se o banco perde um dos pés, ele cai.



4) *Perda*. O momento da perda de algo valioso na vida pessoal pode caracterizar uma crise. (Tinha algo em suas mãos e agora não tem mais. As mãos ficam vazias.)



5) *Sofrimento*. Os sofrimentos tanto podem ser de ordem moral, como espiritual e física. Uma série de acontecimentos pode levar a pessoa ao sofrimento.

6) *Pânico*. Assaltos, desastres, terremotos, incêndios, geram um medo que se torna pânico. Quando existe pânico isto é uma característica de crise.

É a percepção dessas características por parte do conselheiro que faz com que ele descubra as partes frágeis na vida de uma pessoa. A crise acontece não porque a pessoa seja doente mentalmente, mas porque alguma coisa aconteceu, afetando a sua normalidade.

Uma pessoa normal que more numa casa que sofreu incêndio passa a ter suas emoções afetadas, podendo ter comportamento anormal. O mesmo acontece em ocasiões de terremotos e tempestades.



Fogo afeta emoções
Terremotos afetam emoções
Tempestades afetam emoções

Nessas ocasiões, é normal que a pessoa tenha, às vezes, um comportamento anormal. Se a pessoa se sente feliz, alegre, realizada, então isso caracteriza um comportamento anormal.

Nessas ocasiões, a própria capacidade de pensamento de uma pessoa fica reduzida. Seu raciocínio é prejudicado. Essa perda do raciocínio pode chegar a um grau tão pequeno que leve a pessoa a pensar que o suicídio é a única solução. Só consegue pensar em duas coisas: vida ou morte.



A compreensão fica tão restrita que a pessoa só consegue ver duas coisas. Podemos usar a ilustração do arco-íris. Uma pessoa que só vê o preto ou o branco não sabe que existem outras cores. Quando os raios do sol atravessam as nuvens, surgem sete cores diferentes. A cor preta é ausência de cores, mas a cor branca é a soma delas. Não há apenas uma ou duas cores.

68

Existem várias cores. Uma pessoa que esteja em crise só consegue ver uma coisa ou apenas duas.

2. *Saída da crise*

Para uma pessoa sair da crise, é necessário que no seu coração ela primeiramente deseje sair do problema. Quando uma pessoa foge de uma casa em chamas, está demonstrando o desejo de escapar. Todos os seres humanos normais desejam sair da crise. Quando uma pessoa é colocada na garupa de um cavalo, ela logo quer sair, porque sente uma situação de medo. Se não pode sair, então o medo vai aumentando, até tornar-se pânico. Nessa ocasião, quer sair de qualquer maneira e pode, inclusive, morrer, pulando do cavalo. O pânico leva a pessoa a ter atitudes perigosas. É porém uma característica de querer ardentemente sair da crise.



Nesse momento de sair da crise, a pessoa está vivendo uma batalha decisiva. Tem ao seu dispor uma última esperança. No caso do suicídio, ele rejeita toda a ajuda que chega, embora precise de ajuda. Rejeita o amor, embora precise de amor. Isto acontece porque o suicídio é o resultado de uma crise, na qual a morte é a última esperança.



Recusa Ajuda

O momento de sair de uma crise é um dos momentos mais fáceis para ajudar uma pessoa, porque a pessoa está frágil. Ela se torna aberta a sugestões que antes não receberia. Sua atitude irredutível se torna mais flexível. É tempo de fraqueza, perda de poder, de posição, de orgulho.

A situação de Jó, na Bíblia, caracteriza uma situação de crise. Ele precisava de ajuda. – O que recebeu? – Ele recebeu críticas de seus amigos e de sua esposa. Uma pessoa em crise precisa de ajuda de seus amigos e de seu cônjuge.

Quando Jesus estava no Getsêmani, ele procurou três amigos íntimos que estivessem com ele. Ele precisava de ajuda. O tempo é de ajudar, o que faz com que a pessoa saia da crise.



Discípulos

A estada de uma pessoa num hospital é tempo de oportunidade, porque a pessoa quer voltar a uma situação normal da vida humana.

Hospital



Ajuda própria

2

Processo da Crise

Lembremos que quando Buda saiu de casa e fundou uma religião, ele o fez porque queria entender o sofrimento na vida humana.

Os sofrimentos têm acontecido no mundo devido a vários motivos: acidentes, doenças, guerras, mortes, perdas, etc. Quando um comerciante perde tudo o que possui da noite para o dia, ele experimenta sofrimento.

Geralmente se pensa que o homem religioso não tem sofrimentos. É idéia geral que a fé em Jesus afasta os sofrimentos da pessoa. A Bíblia porém ensina que a paz que Jesus dá é dentro do sofrimento. Isto significa que o crente também tem triste-

zas. A diferença é que conta com a presença de Jesus. A idéia de que o crente não pode chorar está errada, pois o próprio Jesus chorou várias vezes. Há uma série de referências na Bíblia que mostram Jesus vivendo os sofrimentos humanos: abandono, tristeza, dor, fome, cansaço.

Também existe em nossos dias a idéia de se esconderem os sentimentos – as emoções do sofrimento. Quanto menos mostrar tristeza, mais nobre a pessoa é. Essa tendência acabou entrando na igreja, levando o crente a evitar qualquer demonstração de tristeza.

Ora, a paz que Jesus prometeu só tem significado se acontecer na tempestade. A paz de Jesus não tem valor se o ambiente é de tranqüilidade. O evangelismo barato tem levado as pessoas a deixarem a igreja quando acontecem os sofrimentos, porque lhes foi prometido que não teriam tristezas, nem problemas na vida.

Há crentes que não compreendem perfeitamente o sentido do que seja vida cristã, imaginando que Deus é uma pessoa que existe para fazer suas vontades. Isto pode ser verificado nas próprias orações, que colocam pedidos e mais pedidos diante de Deus. O sentido cristão da vida, na verdade, é de que nós é quem devemos fazer a vontade de Deus. Deus é soberano, é rei; nós somos súditos. Jesus, no Getsêmani,

expressou seu desejo, mas colocou a vontade de Deus acima da vontade dele.

É inevitável que venham sofrimentos na vida do crente. Está errado pensar que os sofrimentos são resultados de pecados e caracterizam uma atitude de castigo e de punição de Deus. Nem sempre é assim. Muitas vezes, como no caso do cego de Jerusalém, o sofrimento é uma oportunidade para a glória de Deus.

É bom também tratar aqui das tentações. Jesus foi para um deserto. Viveu também situação de impasse, gerando tristeza. No caso dos pães, ele estava com fome. Ele tinha poder para realizar milagres. Sua atitude porém seria de desobediência. Há certas coisas que poderiam ser feitas por uma pessoa, por causa de suas habilidades. Porém tornar-se-iam desobediência a Deus. A obediência a Deus também implica em privações. As privações podem trazer tristeza humana.

Cientes desses fatos, vejamos agora o processo da crise, com suas várias etapas:

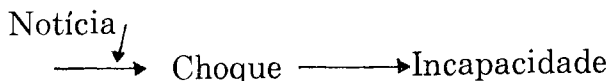
1. *Choque*

Ao receber a informação de um fato, a pessoa tem como primeira reação a negativa. A pessoa diz: “Eu não acredito”.



2. Incapacitação

Diante do fato, a pessoa sente-se confusa. Não sabe como resolver o problema. Não consegue achar resposta. Fica perplexa.



3. Tristeza

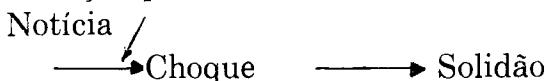
O estado emocional é tomado pela tristeza, que resulta em lágrimas. O choro reflete a situação dolorosa. Às vezes, a pessoa reprime o choro por causa de sua religião ou de sua cultura (“Homem não chora”) ou ainda de sua sociedade (“Em público não se chora”). Porém o momento é para chorar. A repressão do choro pode causar doenças físicas.



4. Solidão

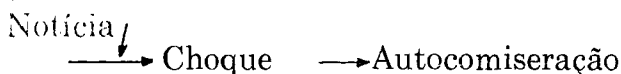
Tendo como exemplo a experiência da morte, a atuação pastoral tem sido eficiente antes e durante o funeral, mas a atuação pastoral tem sido falha depois do sepultamento. É o momento quando a solidão se torna mais real, principalmente por causa de dois motivos: fim das ocupações do funeral e ausência da pessoa que morreu. A

solidão é o momento mais importante para visitação pastoral.



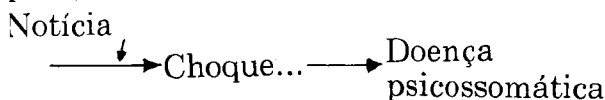
5. Autocomiseração

Nessa fase do processo, a pessoa se julga miserável e digna de compaixão. Ao se comparar com outras, pensa que é a mais sofredora de todas. Está cheia de autopiedade, pena de si mesma. Chora até não poder mais.



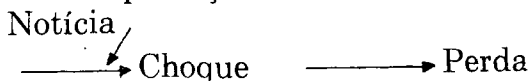
6. Doença Psicossomática

(Psique – Soma = mente = corpo). A mente da pessoa fica de tal maneira afetada que atinge seu organismo, provocando uma série de doenças. Pode passar, inclusive a ter uma doença crônica, realmente física. A pessoa vai prejudicando ainda mais o seu organismo pela falta de sono e de fome. Fica sem se alimentar e sem dormir. A necessidade de ingerir medicamentos vai crescendo até chegar a uma situação ainda mais crítica, produzindo a morte, inclusive o suicídio (“dormir para sempre”).



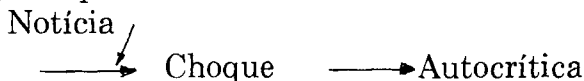
7. *Sentimento de perda*

O que a pessoa perdeu (pessoa ou objeto) vai abalando cada vez mais sua personalidade, principalmente por causa da idéia de que o que perdeu não pode ser recuperado. São duas experiências críticas: perder e não recuperar mais. É o fim de todas as esperanças.



8. *Autocrítica*

A pessoa questiona uma série de atitudes, criticando-se a si mesma. Fica perguntando porque aconteceram certas coisas ou porque deixou de fazer outras. Quando se autocrítica, então, conseqüentemente, pensa em punição, castigo. Pensa até mesmo na morte como uma punição justa para ela.



9. *Crítica a Outrem*

Nesse período, a pessoa começa a criticar outros. Essas críticas a outrem são um bom sintoma, pois mostram seus primeiros sinais de reação emocional. Suas emoções até então estavam reprimidas e, quando são dirigidas a amigos, parentes, tornam-se agressivas. Esse momento é um sinal de restabelecimento a caminho; a re-

cuperação pode ser esperada. A crítica que começa a fazer pode se manifestar de três maneiras diferentes:

- a) agressividade (discussões, voz alta);
- b) ironia (desfaz dos outros);
- c) dúvidas (questiona o valor das coisas).

Informação /
—————→ Choque... —————→ Críticas

10. *Cansaço*

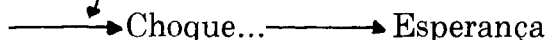
É o momento quando a pessoa que está em crise, depois de passar pelas mais diferentes situações, começa a sentir cansaço. Começa a se render diante dos acontecimentos que lhe sobrevieram. Esse cansaço pode ser ainda mais expressivo quando não tem a oportunidade de falar sobre o que esteja sentindo e pensando. Às vezes, porque não tem com quem falar; outras vezes porque as pessoas que a cercam não a ajudam a falar, com medo de ferir ainda mais. O melhor nessa ocasião de cansaço é deixar a pessoa falar sobre as suas dores, saudades, sentimentos. A memória do que aconteceu é saudável para recuperação na crise. Esse período de cansaço faz com que a pessoa perca o interesse pela vida, pelos estudos, pelo trabalho...

Informação /
—————→ Choque... —————→ Cansaço

11. *Esperança*

Nesse período, a pessoa começa a ter esperanças com relação ao futuro. Os primeiros raios de sol entram em sua vida. Começa a perceber que está viva. Percebe inclusive sua aparência física, suas roupas, seu rosto, seus cabelos. Começa a pensar numa mudança para uma vida normal, inclusive, por causa de outras pessoas que para ela também são importantes.

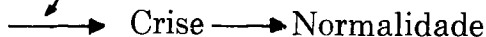
Informação/



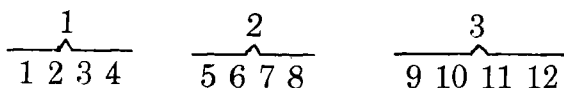
12. *Nova vida*

Já sabemos que a crise é um período de anormalidade na vida de uma pessoa normal. A pessoa não sabe o que está acontecendo, a não ser quando a crise começa a chegar ao fim. O fim da crise significa um novo começo, uma nova vida.

Normalidade/



Podemos dividir essas 12 fases em três grupos, inclusive para efeito de saber o melhor momento de fazer o aconselhamento.



O melhor momento é quando a pessoa começa a fase que está no grupo três (3).

O conselheiro é o médico da alma e como tal ele deve aprender a examinar a

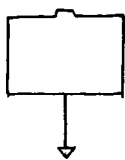
crise para que saiba como aplicar o tratamento. Se uma pessoa tem doença física, vai diretamente ao médico. Porém existem outras pessoas que em vez de irem ao médico vão à farmácia. Na farmácia ele só pode tratar dos efeitos que sua doença produz. É preciso tratar das causas. Daí a importância do tratamento com o médico. Porque estuda Patologia, o médico sabe a origem das doenças e pode melhor ajudar o paciente. Assim também devemos pensar com relação ao conselheiro. O conselheiro é a pessoa que tem de examinar a situação e suas causas, para que melhor tenha um juízo do que esteja acontecendo e qual o melhor tratamento. Se o juízo do conselheiro não for correto, ele aplicará o tratamento errado. Assim, quanto mais um conselheiro estuda sobre a crise, mais esse conselheiro vai saber examinar, julgar e tratar das pessoas, inclusive qual o melhor momento para efetuar aconselhamento.

Vejamos o exemplo da morte de uma pessoa. Quando acontece o funeral o defunto é colocado num caixão. O funeral de uma pessoa é diferente na China e no Brasil. No Brasil o defunto deve ser enterrado 24 horas no máximo após a morte. Na China o defunto pode ficar 3 dias, uma semana, 1 mês ou vários meses. Esse tempo demorado na China para sepultar um defunto serve como símbolo de ostentação finan-

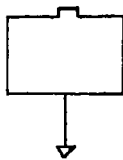
ceira. O defunto que fica mais tempo é porque é de uma família rica – a família tem orgulho de dizer isso ao prolongar o sepultamento. Acontece porém que a morte de uma pessoa gera crise na vida de outras. Ora, se o período de sepultamento torna-se longo, então mais longa será a crise de alguém. O conselheiro percebe esses aspectos e se torna mais hábil a fazer o seu trabalho junto a quem esteja passando por um problema.

Também o conselheiro precisa saber que a crise é maior ou menor, conforme o acontecimento. A crise na doença é menor do que na morte e a crise na morte é menor do que no suicídio.

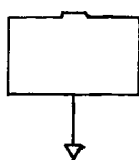
É importante registrar que não existe um aconselhamento pronto para ser aplicado conforme as situações. Não há um Manual de Aconselhamento. Assim, quanto mais recursos o conselheiro tiver, através de estudos e de experiências, melhor conselheiro será.



Doença



Morte



Suicídio

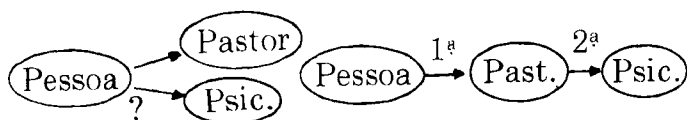
3

Métodos de Aconselhamento de Crise

1. *O Pastor e o aconselhamento de Crise*

Embora a maioria dos pastores não tenha especialização em aconselhamento, são eles que são chamados quando os crentes estão em crise. Pelo fato de o pastor estar mais disponível, as pessoas procuram mais o pastor do que o psicólogo. O pastor pode atender ao telefone a qualquer hora. O pastor pode atender quando a pessoa precisa, enquanto que, para ser atendido por um psicólogo, a pessoa precisa marcar dia e hora. Também o pastor já é uma pessoa conhecida, enquanto o psicólogo é desconhecido. Esse desconhecimento geralmente inibe e causa desconfiança. O fato de o pastor também já estar há muito ou

há algum tempo na igreja, faculta ainda mais o contato. Na presença do pastor, a pessoa se sente mais à vontade, descontraída. O pastor também não cobra pelo atendimento, quer seja um ou vários atendimentos em vários dias. O pastor também conhece os membros da família e amigos, que podem contribuir com ele no diagnóstico. O pastor tem grupos na igreja que podem prestar ajuda, atendendo a pedido seu. A atuação do pastor, auxiliado pela igreja, por parentes e amigos, torna o aconselhamento mais eficiente. O pastor tem igualmente a seu dispor os recursos espirituais, decorrentes da fé, o que a maioria dos psicólogos não tem. O pastor, pelo fato de ter na religião o significado da vida, tem condições de ajudar as pessoas que estão buscando o significado da existência. O significado da vida está relacionado com Deus e está na área do pastor. Outro fato favorável ao pastor, em comparação com o psicólogo, é o que diz respeito à presença da igreja quando a pessoa tem sentimento de solidão. Também os principais problemas da vida (significado da vida, falta de amor, solidão) estão na área pastoral: religião.



2. *Atitudes do pastor no aconselhamento*

Ao iniciar um atendimento, o pastor necessita, em primeiro lugar, de preparar o ambiente para que a pessoa se sinta à vontade, estabelecendo um clima de confiança.

Em segundo lugar, ao olhar para alguém que necessita de aconselhamento, é preciso lembrar de que esse alguém é uma pessoa: uma personalidade. Houve tempo, inclusive na igreja, quando uma pessoa doente mental recebia tratamento cruel. Era considerada como sendo tomada por demônios. Ainda assim acontece em alguns lugares, quando as pessoas são tratadas como animais, presas em algemas, jaulas, cadeias.

Em terceiro lugar, o pastor necessita saber até que ponto é a anormalidade da pessoa: se é um comportamento eventual ou duradouro. Uma pessoa normal pode ter um período de anormalidade em sua vida.

Em seguida, o pastor tem a obrigação de guardar segredo. O pastor é considerado como uma pessoa que guarda segredo. Também o pastor não pode abusar desse conceito, tornando-se curioso e inquiridor. Quando a esposa do pastor tem estudos na área de aconselhamento pastoral, ela compreende perfeitamente que o pastor tem de guardar segredo. Não faz chantagem, co-

mo: "Se você não me contar, é porque não me ama".

Depois o pastor deve reconhecer suas limitações pessoais e técnicas, embora algumas pessoas pensem que o pastor é mágico, fazedor de milagres, representante do poder de Deus. O pastor deve saber que mesmo Deus diz "Não!" e, "Espere!"

Também o pastor, ao diagnosticar um problema e perceber que a ajuda de um outro especialista levará a um tratamento melhor, então deve fazer o devido encaminhamento (médico, advogado, psicólogo, assistente social).

Por fim, o pastor deve estar preparado para reconhecer seus fracassos no aconselhamento. Algumas vezes o pastor não terá sucesso.

Pastor  ? Que fazer

3. *Perigos no aconselhamento de crise*

Existem casos de pastores que estragaram seu ministério por causa da prática de um aconselhamento perigoso. Um pastor pode pensar em iniciar um aconselhamento para tirar a tristeza de alguém e, no final, ficar esse alguém em profunda tristeza. Já vimos que crise significa oportunidade, mas também significa perigo. O pastor deve prestar atenção a esses perigos.

Vejamos:

1) *Excesso de intimidade*. Num aconselhamento, a pessoa vai compartilhando sua vida, de modo cada vez mais profundo, com o aconselhador, até se tornar muito íntima. Quando o aconselhamento é entre um homem e uma mulher, esse compartilhar íntimo é muito perigoso. Às vezes, o pastor esquece que é um “homem”, mas a mulher não esquece que é “mulher”. Essa situação também pode afetar a vida da família do pastor ou da própria pessoa com seu cônjuge. Essa situação também se torna desagradável para a igreja, gerando um mal-estar. Às vezes, nem existe contato físico, mas percebe-se um envolvimento emocional. As diferenças de cultura (Brasil-América-China) podem também gerar um mal-entendido, pois uma atitude natural é normal num país, mas no outro país é um escândalo. Quanto mais segredos o pastor vai sabendo, mais vai aumentando a dependência e a intimidade...

2) *Sobrecarga*. Quando um pastor vai atendendo as pessoas, ele vai tendo acúmulo de atendimentos, que o levam a sentir-se sobrecarregado. Nesse caso, o pastor também precisa falar, mas não pode falar com qualquer um. Às vezes, o pastor vai para a beira do mar ou para dentro da floresta e então fala o que sente e o que pensa, sozinho. Dizer o que pensa e o que sente

para outra pessoa é muito perigoso, talvez até mesmo para a esposa, pois muitas vezes ela não compreende a necessidade da confidência e fala com outras pessoas. Um pastor que perde a confiança, perde o ministério.

3) *Fazer o que não sabe.* No exercício do ministério de aconselhamento, pensando que pode resolver todos os problemas, o pastor pode acabar dando soluções erradas que prejudicam a vida da pessoa. Começa a fazer o que ele não sabe, como dar remédios, dar opiniões sobre advocacia, sobre finanças, etc. Pode tornar-se responsável por uma desgraça e até mesmo prejudicar seu próprio ministério.

4. Tratamento de aconselhamento de crise

Neste tópico vamos saber como é a ação de um conselheiro. É preciso perguntar três coisas sobre a crise:

- a) existem sentimentos diferentes?
- b) seu estado tem se tornado pior a cada dia?
- c) alguma coisa aconteceu que o tenha afetado?

A resposta positiva a todas estas perguntas mostram que a pessoa está dentro da crise. Assim como o médico constata a doença de uma pessoa, o conselheiro constata a crise.

Uma vez verificada a crise, é preciso ajudar a pessoa. Faz-se a ajuda em três etapas:

1) *Comunicação*. É preciso que haja comunicação entre o conselheiro e o paciente. Uma pessoa só permite que um médico faça sua operação se houver confiança. Assim é preciso que haja confiança entre o paciente e o pastor, para que possam conversar.



O aconselhamento não usa remédios, nem instrumentos, nem exames clínicos de laboratório. Usa a conversação. Por isso, a comunicação entre o conselheiro e o paciente é de suma importância. Tem de haver uma comunicação dos dois lados. Não é como carro viajando em mão única.



Essa conversação é feita num ambiente descontraído, em que a pessoa fica relaxada para falar. No caso do pastor, o ambiente já é favorecido, mas quanto maior a descontração melhor para falar. O uso de cadeiras sem mesa, no mesmo nível, ajuda no relaxamento.



A sala deve ser reservada, para que as pessoas não fiquem entrando e saindo,

principalmente por causa das palavras que a pessoa precisa dizer de caráter confidencial. Se não existe confiança no conselheiro e nem no ambiente, então a pessoa não fala. A presença de um gravador pode impedir a pessoa de se sentir à vontade. A sala de atendimento deve ser como um confessional, com a diferença de que o pastor também participa da comunicação.



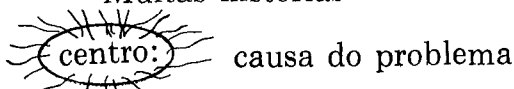
Se o conselheiro quer ajudar a pessoa a falar, então ele tem de saber ouvir. O conselheiro deve evitar ao máximo sua palavra, limitando-se a pequenos comentários e ao incentivo para a pessoa falar. Às vezes, as pessoas não sabem como falar sobre seus sentimentos e pensamentos. A oração de uma pessoa muito triste é: “Ó Deus...” (e só). Nesse caso, o conselheiro vai auxiliando a pessoa a se expressar. Não é importante a intelectualidade (vocabulário rico), mas o expressar sentimentos e pensamentos.

A harmonia de sentimentos deve ser um fato que auxilie ainda mais. Se a pessoa está triste, o conselheiro é sensível a essa tristeza, sem ficar ignorando ou sorrindo.

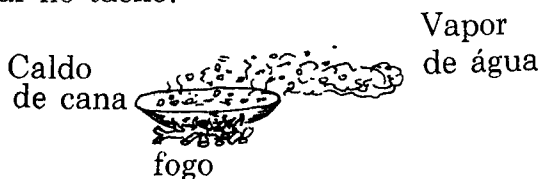
A paciência é outro requisito para a prática do aconselhamento. O pastor pre-

cisa ter paciência, inclusive para ouvir muitas histórias, porque a causa do problema está no centro de várias histórias. — Como saber se não ouvir?

Muitas histórias



2) *Causas*. O médico, antes de fazer o tratamento, faz um juízo. Para fazer o juízo, o médico faz exames para saber onde está a causa. Só depois é que faz o tratamento. O conselheiro precisa entrar no exame da situação para saber as causas da crise. Isso pode ser ilustrado pela maneira como se faz com a cana-de-açúcar. Extrai-se o caldo da cana. Depois coloca-se para ferver até secar toda a água. Só fica o açúcar no tacho.



O conselheiro usa o método da observação. Na ciência, observa-se o comportamento de animais sob efeito de produtos químicos, nos laboratórios. Os animais não falam, mas as pessoas falam. O conselheiro observa suas palavras e seu comportamento, não somente ouvindo a palavra, mas prestando atenção:

- a) no timbre da voz;
- b) no gesto das mãos, e
- c) nas expressões da face.



Triste



Alegre



Medo



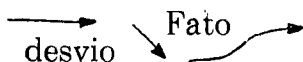
Zangado

É preciso saber o conteúdo dos sentimentos. – Por que está triste? Por que está alegre? As pessoas têm sentimentos que determinam seu comportamento por causa de alguma coisa. É preciso, pois, trazer à tona o significado do sentimento.

Outro meio que o conselheiro tem é focalizar o comportamento ou o sentimento, assim também o fato. Como a luz da lanterna focaliza um lugar, o conselheiro focaliza o que a pessoa sente.

Lanterna Fato

As pessoas tem a tendência de evitar o fato. É preciso saber o que está acontecendo, pelos próprios lábios da pessoa. Sempre a pessoa evita falar sobre o que aconteceu, porque produz sofrimento.



Existem algumas perguntas que, uma vez formuladas, podem ajudar:

- a) o que é a causa?
- b) o que ela perdeu?
- c) o que é mais importante para ela?

d) qual o tipo de medo?

e) por que se tornou crise?

Outra ilustração que podemos usar é a do pescador. Quando joga a rede, além dos peixes, ele tira pedra, lama, mato. O pescador separa o peixe de todo o resto. O conselheiro examina tudo e tira o que é importante.



Para fazer essa avaliação, o pastor não precisa saber toda a história da pessoa, como um psicanalista. (Lembremos que o aconselhamento pastoral tem um tempo curto.)

Ao descobrir o problema, o conselheiro não vai tomar a decisão de dizer o que deve ser feito, mas vai ajudar a pessoa a tomar decisões do que precisa ser feito. O pastor não assume a tristeza (cruz) de outra pessoa, mas ajuda-a a carregar sua própria cruz. O aconselhamento é diferente de uma clínica psicológica. A pessoa descobre por si mesma, num curto prazo, a ajuda de que necessita.



3) *Solução.* A solução de um problema diz respeito não somente ao conselheiro, mas também e principalmente ao paciente. Os dois juntos começam a tratar da so-

lução. O conselheiro estabelece junto com o paciente as metas, os alvos, os objetivos que devem alcançar. Esses objetivos devem ter as seguintes características:

- a) concreto
- b) possível
- c) tempo curto

(alvo) ←

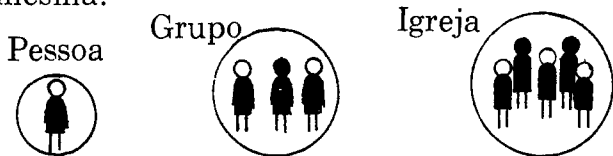
Cabe ao próprio paciente começar a resolver o seu problema, depois que acharem juntos a solução. Essa solução é achada quando o conselheiro lembrar ao paciente as experiências anteriores de outras crises e de outros problemas. Lembrará o fato de que em outras ocasiões pessoas souberam resolver seus problemas. Essas experiências anteriores capacitarão o paciente a resolver seu problema. Assim o conselheiro ajuda a pessoa a ter confiança em si mesma.

Outra atitude do conselheiro é na área de conhecimento. Que tipo de conhecimento a pessoa possui, através da leitura de livros ou de aprendizado com outros, ou de ouvir dizer. Uma moça que tenha menstruação pela primeira vez não tem experiência anterior, mas pode já ter lido em livros ou ouvir dizer.

Também o conselheiro lembrará ao paciente outras pessoas que poderão ajudar: amigos, parentes, conhecidos. É evi-

dente que não existindo outras pessoas fica mais difícil, inclusive se o paciente tem sentimento de solidão.

Caso a pessoa não tenha experiências anteriores, nem conhecimento, nem outras pessoas; mesmo assim o pastor, como conselheiro, tem o apoio, a ajuda de outros fatos que a vivência cristã lhe deu. Uma pessoa na igreja, ou um grupo, ou toda a igreja, poderá ajudar. Estarão contribuindo para que a pessoa resolva o problema por si mesma.



Depois que a pessoa souber o que deve fazer, então o que o conselheiro vai fazer é encontrar junto com o paciente os métodos que podem ser usados para se chegar ao objetivo. O conselheiro fará uma lista de todas as coisas que são possíveis. O conselheiro vai ajudando as pessoas a acharem mais e mais métodos. Nessa lista, a pessoa vai sabendo as coisas que são boas e as que são más.

Finalmente, para agir, a pessoa escolhe aquilo que é melhor do ponto de vista ético, moral, religioso e social. Elege a melhor maneira, o melhor método de agir. Essa maneira tem de ser positiva.

Estudo de Casos de Crise

Neste capítulo desejamos estudar alguns casos em que podem existir crises:

1. *Mudança de residência*

Quando uma família muda a sua residência de um lugar para outro, uma criança pode ficar profundamente afetada. Para essa criança, a mudança resultou em perda de seus amiguinhos com quem costumava brincar. Essa criança passa a ter um sentimento de tristeza com seu pai, pois ele é quem foi o responsável pela mudança. Para o pai, a mudança é uma atitude normal, mas para a criança se torna um momento infeliz, ficando com suas emoções afetadas. Passa a ter uma atitude rebelde,

o que é uma atitude anormal numa vida normal. O pai passa a ser o objeto de sua raiva. A crise começa a acontecer na vida da criança e da família. O motivo é o sentimento de perda. Perdeu seus amigos.

O pastor, ao fazer a visita pastoral, percebe o que está acontecendo. Então verifica que a razão do problema é a crise motivada pelo sentimento de perda. Essa criança precisa ser ajudada, tendo encontros com outras crianças que também experimentaram mudanças. A solução do problema não está na família voltar para o local de onde veio, mas na adaptação da criança ao novo local.

2. Mudança no trabalho

Uma pessoa pode começar a ter uma crise em sua vida porque houve mudanças no seu trabalho. Seu antigo chefe é substituído por um novo chefe. A pessoa começa a ter dificuldades de relacionamento com o novo chefe. Os problemas vão aumentando até que ele pensa em sair para um novo emprego. Mas não há garantias, apenas promessas. Então ele não quer ficar porque tem atritos com o chefe, e não pode sair porque não tem um novo emprego. Fica em crise: sair ou ficar? ficar ou sair?

Quando se acha nesse impasse, então ele recebe a visita do pastor. Começam a conversar. Ele fala sobre seus sentimentos

e pensamentos. O pastor então explica que a sua crise se deve ao fato de ter restringido a solução a apenas duas saídas; sair ou ficar. O pastor mostra que existem outras saídas. Existe a saída de falar com o patrão ou com o gerente. Com o patrão ele tem medo, mas aceita falar com o gerente. Este quando fica sabendo do problema, pede ao empregado que tente a adaptação por mais um tempo, porque o empregado é importante na firma. Depois de algum tempo, o gerente decide dispensar o novo chefe, porque o empregado, por causa de sua prática, tem mais importância. Torna-se então o novo chefe. O problema ficou resolvido. O conflito dele era porque aquele novo chefe tinha apenas teoria e ele tinha prática. Sua prática lhe deu um novo cargo na firma. O pastor ajudou porque mostrou que havia uma outra saída.

3. Tentativa de suicídio

Uma esposa telefona para o pastor, de madrugada, comunicando uma tentativa de suicídio. O pastor, fica apavorado e começa a negar o fato, dizendo que não é possível, que não acredita.

O pastor precisa ser bem prático nessa hora, em vez de ficar tentando negar o fato, entrando em pânico. As atitudes pastorais na prática foram as seguintes:

- 1) Perguntar como está a situação:
 - a) se é uma tendência
 - b) se é uma decisão
 - c) se já aconteceu
 - d) se está vivo ou morto
- 2) Perguntar como aconteceu:
 - a) se foi remédio
 - b) se foi arma
 - c) se foi corte
- 3) Perguntar quando aconteceu
 - a) horário
 - b) tempo passado
- 4) Perguntar onde está
 - a) rua
 - b) casa
 - c) trabalho
- 5) Ter endereço de médicos e grupo especial
– Comunicou o fato, com detalhes, para receber ajuda adequada?

Se o suicídio é apenas uma tendência, então o pastor tem tempo para fazer o aconselhamento de crise, mas se o suicídio já está sendo praticado ou já aconteceu, então tem de haver medidas práticas urgentes.

4. *Natalidade*

É natural que em todo o casamento exista o plano de ter filhos. O casal pensa em gravidez.

Na China, assim como no Oriente, o objetivo maior do casamento não é o amor, mas a geração de filhos e netos. A mulher é vista apenas como uma procriadora. Caso não haja filhos é motivo para divórcio. Um novo casamento é feito com o objetivo de gerar filhos. Na cultura chinesa já foi permitido ter apenas um filho. Hoje o casal já pode ter dois filhos. Porém, é de suma importância que a criança, na China, seja homem. Então o nascimento de uma menina não é visto com bons olhos. Pode até haver morte, para que o casal continue tendo oportunidade de ter um menino.

A história registra momentos quando houve morte de crianças: no Egito, quando as crianças eram mortas por Faraó. O povo hebreu estava crescendo. Isso era crise nacional no Egito. Em Belém, quando Herodes mandou matar as crianças até 2 anos, por causa de Jesus. Isso era crise nacional.

Hoje existe a fecundação artificial, através de proveta. Hoje pode-se até ajudar os pais determinando-se o sexo dos filhos. Mas isto no Ocidente. No Oriente a natalidade é um assunto que se torna motivo de crise nos lares. A tradição do nome masculino para preservar o nome da família é um problema para muitos casais. Talvez seja até um problema de crise para a própria China: apenas homens estarão nascendo em maioria.

A solução desse problema depende da cultura e do sentimento religioso. Não depende de técnicas que possam ser usadas. O conselheiro fica preso, restrito aos costumes e à religião, assim como à tradição. Existe uma limitação religiosa, ética, moral, tradicional, social, que deve ser levada em consideração pelo conselheiro.

De qualquer maneira, o assunto da natalidade, onde quer que venha a acontecer, torna-se um motivo de crise para uma pessoa, um casal, uma família e até mesmo para uma nação. Se for um caso nacional, então será estudado pela Sociologia. Mas um caso pessoal deve ser tratado pela Psicologia.

Como Praticar Aconselhamento

1. *Sucesso e fracasso no aconselhamento*

No Japão existe um deus chamado “Cem mãos”. Significa que ele pode fazer todas as coisas que lhe são pedidas. Também existe outro deus, chamado “Rato”. É o deus dos ladrões. Eles oram a esse deus quando querem roubar.

Nosso Deus, porém não é um instrumento das pessoas. Se nós servimos a este Deus, como conselheiros também não devemos permitir que as pessoas tentem nos fazer de instrumentos. As pessoas têm sonhos, desejos e fantasias. Assim, querem transformar o pastor num mágico para atender a todos os seus desejos. Pensam que o aconselhamento funciona como uma

pessoa que fricciona a lâmpada de Aladim e aparece o Gênio Mago. Muitos crentes, mesmo adultos, têm coração de criança e pensam que o pastor existe para atender aos seus desejos.

Então, erradamente, o pastor pensa que ter sucesso é atender aos desejos de todas as pessoas que o procuram e que se não atender então está em fracasso. Se o pastor só ficar pensando em fazer sucesso, ele perde o senso de justiça, do que é certo e do que é errado. O pastor que pensa em fazer sucesso, atendendo aos desejos das pessoas, não é um bom pastor.

Por outro lado, se o pastor quer sucesso, muitas vezes ele também começa a ver as pessoas como instrumentos para alcançar esse objetivo. Usa as pessoas para ter mais sucesso. O bom pastor não deve nunca pensar em sucesso ou fracasso, mas no que é bom e no que é mau.

Vejamos alguns exemplos:

1) *Divórcio*. Um marido que telefona para o pastor pedindo que o pastor impeça sua mulher de se divorciar. Conversando, o pastor descobre que o seu motivo não é amor, mas reputação na sociedade. A pessoa ameaça o suicídio se a mulher não voltar. Fica com a idéia: ou ela volta ou eu me suicido. Na verdade, ainda mais profundamente, examinando mais os fatos, o pastor percebe que esse homem é dependente da

mulher, ele é fraco. Precisa da mulher como apoio para viver. A mulher não volta, porque já está separada e já tem até outro homem. Se o pastor pensar que fracassou porque não conseguiu a volta da mulher está errado. Sua função não é essa, mas a de fortalecer o marido, que se acha fraco. Ele aprende a viver sozinho e se torna pessoa mais forte. Isto é sucesso.

2) *Doença mental*. Uma família tem um filho que é doente mental. O marido mal pára em casa, sempre no trabalho, sem dar assistência à família. A esposa fica doente e vai para o hospital. O pastor é chamado para ajudar na cura da esposa e no seu regresso. Mas a mulher continua no hospital. Se o pastor considerar que é um fracasso não ter conseguido a saúde da esposa está errado. Aquele pai mal parava em casa e com o aconselhamento do pastor ele passou a ficar junto à família, dando assistência, sendo melhor pai, inclusive para a criança doente. Isto foi sucesso.

2. *Encaminhamento*

Encaminhamento é o envio que o pastor faz do paciente para outros especialistas (psicólogos, psiquiatras, médicos, advogados, assistentes sociais, etc). O pastor que gosta de ser famoso quer resolver todos os problemas. Pensa que o encaminhamento é símbolo de derrota. Às vezes, o en-

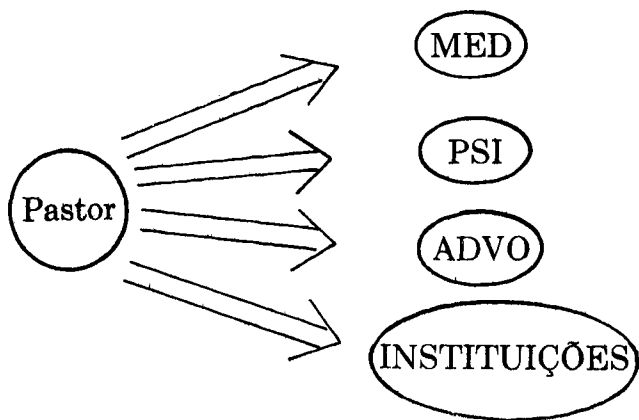
caminhamento é necessário. Não é nem desprezo nem derrota pessoal. O pastor, ao encaminhar uma pessoa, não está desprezando aquela pessoa e nem está mostrando incapacidade. O encaminhamento é sim um benefício para a pessoa que precisa de ajuda. Vejamos abaixo uma relação de pessoas que precisam de ajuda de especialistas, além da do pastor:

- a) alcoólatras
- b) drogados
- c) dependentes
- d) suicidas
- e) assassinos
- f) doentes mentais, etc.

Quando o pastor está no púlpito, ele pensa que tem de pregar as coisas que o povo quer. Os crentes aliás pensam que o pastor tem a obrigação de pregar as coisas que eles desejam ouvir. Por outro lado, às vezes o pastor também pensa que o púlpito é o local para pregar as coisas que ele mesmo quer pregar. As coisas de sua mente e do seu coração. Porém o púlpito é o local de onde o pastor prega o que Deus quer que ele pregue. O pastor que está em comunhão com Deus sabe que deve pregar a vontade de Deus no púlpito. Assim o pastor deve agir como conselheiro, não fazendo o que as pessoas querem, mas o que é necessário fazer, conforme a vontade de Deus.

Há muitos problemas difíceis de serem resolvidos. O pastor não tem toda a experiência do mundo e nem tem todos os conhecimentos. O pastor também não possui todo o tempo para atender a todo o mundo.

Há uma história de Heiming Way que narra a pescaria de um velho pescador. Um dia ele pescou um peixe maior do que ele e acabou morrendo, levado pelo peixe. A idéia é de que o conselheiro não deve ficar com situações de crise que são maiores do que ele.



3. *Curso dentro da Teologia Prática*

Teologia é fé, doutrina, conhecimento, teoria. É necessário colocar essa teologia em ação. É Teologia Prática: ação da pessoa cristã em nome de Deus.

Para entender aconselhamento cristão, é preciso estudar a religião cristã. É necessário conhecimento sobre a religião. Para estudar Religião (geral) a pessoa frequenta a Faculdade de Filosofia. Para muitas pessoas, cristianismo é filosofia religiosa, assim como budismo, confucionismo. Então, em nosso contexto, estudar religião é diferente de estudar Teologia. Quando estudamos Teologia estamos pensando especificamente no cristianismo. Na Teologia estuda-se:

- a) Teologia Bíblica (Bíblia)
- b) Teologia Histórica (Igreja)
- c) Teologia Sistemática (doutrina)
- d) Teologia Prática (aplicação)

Enquanto nas faculdades se estudam as ciências da religião (várias religiões), no Seminário estuda-se essencialmente Teologia Cristã. Existe a Filosofia da Teologia Cristã, mas o propósito é fortalecer a opinião.

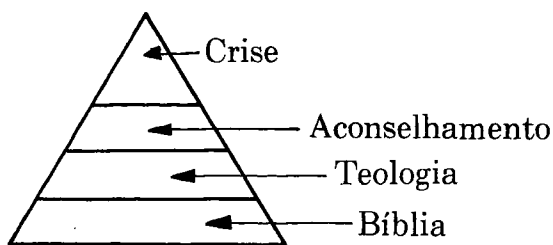
Essa teologia cristã também pode ser dividida assim:

- a) Teologia Católica
- b) Teologia Ortodoxa
- c) Teologia Protestante

Considerando aconselhamento uma área da Teologia, existe um aconselhamento de ponto de vista católico, ortodoxo, ou

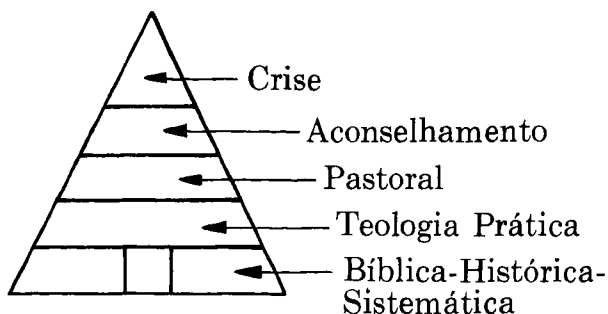
protestante. – É possível chamá-los todos de aconselhamentos cristãos?...

Para o cristão, a base da Teologia é a Bíblia. Assim temos o gráfico abaixo:



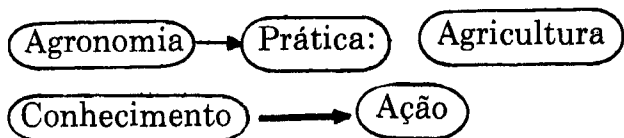
O aconselhamento tem como base a Bíblia.

Com relação à expressão “pastoral”, embora existam várias idéias, quero mostrar abaixo o que penso, no seguinte gráfico:



Queremos, pois, dizer que a Teologia Prática é a aplicação do conhecimento no serviço cristão. Nas ciências, por exemplo,

existe a parte prática, que é a aplicação do conhecimento da área. Exemplo:



A Filosofia começa a existir a partir da pergunta: “Por quê?”. Por isso, dentro da Teologia existe filosofia. É para saber “por quê?”. Por que se estuda aconselhamento? Por que se estuda aconselhamento na Teologia? Aconselhamento é uma área da Psicologia Aplicada. – Existe lugar para aconselhamento na Teologia? – Sim:

Teologia prática – porque ajuda na proclamação do evangelho.

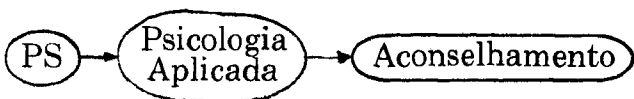
Teologia aplicada – porque usa as técnicas da Psicologia.

Teologia Pastoral – porque é serviço na igreja e dentro dela existe a visitação.

No aconselhamento puro, você estuda as técnicas. Na Psicologia Pastoral você aplica as técnicas no aconselhamento.

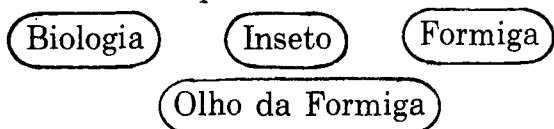
4. *Curso dentro da Psicologia Aplicada*

Temos de lembrar o que é psicologia, lembrando também o que é psicologia aplicada.



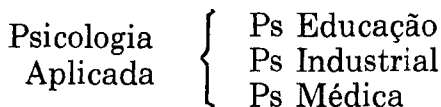
A pessoa que quer fazer aconselhamento tem de estudar aconselhamento psicológico, isto é, Psicologia.

Os cursos de ciências têm duas partes: uma básica e outra especial. O de bacharel é básico e o de mestrado é especial. Na geral, você sabe pouco de muita coisa. Na especial você sabe muito de pouca coisa. A pessoa tem especialização para saber mais. Essa especialização pode ir se tornando mais e mais profunda:

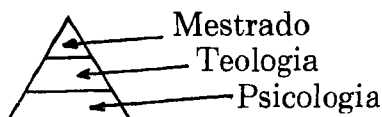


Se a pessoa não tem nada do Básico então não sabe a aplicada.

No caso de aconselhamento cristão, não teologia aplicada à Psicologia, mas Psicologia aplicada a Teologia.



O aconselhamento é parte da Psicologia Médica. É bom o pastor ter um psicólogo como seu cooperador. O melhor conselheiro é aquele que estuda psicologia.



As técnicas de Psicologia aplicada são utilizadas pelo pastor no aconselhamento.

É importante saber a limitação. O que você sabe você usa. O que você não sabe tem de aprender.

Pastor que gosta de ser conselheiro tem de estudar Psicologia. Estuda Introdução à Psicologia, Psicologia Aplicada, Psiquiatria. Estudar Dicionários de Psicologia, para saber o significado das palavras técnicas. Esses estudos darão uma visão geral ao aconselhamento psicológico pastoral.

5. *Tratamento*

A palavra tratamento tem relação com medicina.

Medicina	{ Psiquiatria Clínica	{ Geral Especial
----------	--------------------------	---------------------

Médico clínico é aquele que trata as pessoas no sentido biofisiológico. É bom não fazer confusão com Psicologia Médica.

Se o pastor souber alguma coisa sobre medicina, ele não se tornará médico, mas será ajudado. O bom seria que o pastor também fizesse curso de medicina. Também é bom lembrar que pastor não é psiquiatra, por isso deve ter cuidado para não receitar remédios.

O tratamento de uma pessoa pode ser:

a) clínico

b) psiquiátrico

c) psicológico

No aconselhamento, nós só usamos palavras, conversação, comunicação. Estuda-se sobre psicologia e medicina, mas só se usa a comunicação

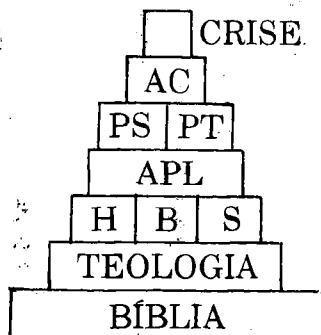
Conclusão

1) Há várias idéias de como o pastor poderia fazer para ser um bom conselheiro. Destacamos:

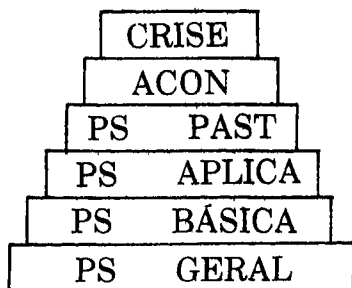


2) Os gráficos abaixo mostram a especialização em cada ciência:

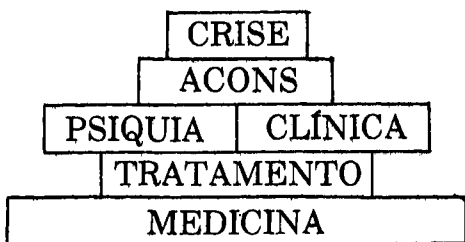
Teologia



3) Psicologia



4) Medicina



Ilustrando essas idéias, podemos usar:

1) Jesus no monte da transfiguração



2) Moisés no Monte



Lendo Romanos 8.28, temos o centro do aconselhamento. Tudo o que tenha acontecido é para o bem do crente. Cristianismo é paz nas tempestades, lembrando que o nome de Jesus é Emanuel: Deus conosco.

O aconselhamento cristão é feito com oração, fé, Bíblia. Isto é aconselhamento pastoral.

Bibliografia Avançada

Além dos livros já dados, que são a base para o curso do Mestrado, existem outros 16 livros em língua inglesa, que fazem parte da bibliografia avançada, própria para o desenvolvimento do curso de Mestrado. Quanto mais desses 16 livros forem lidos, mais perfeito será o curso do Mestrado e a compreensão do assunto que está sendo dado.

Junto com a bibliografia abaixo, segue um pequeno comentário de cada livro:

1. Gerald Caplan

– *Principles of Preventive Psychiatry*

É uma contribuição da psiquiatria para o aconselhamento psicológico, dando as características de crises na vida humana.

2. Robert R. Carkhuff

- *The Art of Helping*

- *The Art of Problem Solving*

Em ambos os livros o autor trata de técnicas necessárias ao aconselhamento. No primeiro livro fala sobre como as pessoas podem ajudar umas às outras. No segundo livro escreve sobre como as pessoas podem resolver os problemas que surgem. Um livro completa o outro, porque se alguém quer ajudar outra pessoa, precisa saber como ajudar.

3. Norman L. Farbarow (others)

- *Techiques in Crisis Intevention*

Neste livro o autor aborda as técnicas usadas quando acontecem as crises, principalmente o *suicídio*.

4. Howard A. Halpern

- *Crisis Theory*

O autor tem um subtítulo que especifica o conteúdo do livro: "A definitione Study." É uma teoria em que o autor define o que seja crise.

5. Elgar N. Jackson

- *Cping with the Crisis in Your Life.*

Nesse livro procura-se fazer uma diferença entre a crise acidental e a crise normal. Na vida de uma pessoa podem acontecer crises normais.

6. Richards Lazarus

- *Psychological Stresse and Coping Process.*

É um livro em que o autor fala de outro tipo de crise, que é o “stress” (tensão, pressão, esgotamento). Procura mostrar como é o processo de lidar com o “stress”.

7. Wayne E. Oats

– *Pastoral Care in Crucial Human Situations*.

É um livro em que, no contexto norte-americano, o autor mostra o sentido da função pastoral nos momentos cruciais da vida humana.

8. Howard Pard

– *Crises Intervention*

Um outro livro próprio para o nosso Curso que trata do surgimento de crises.

9. Paul W. Pretzel

– *An Introduction to Crisis Counseling*

Considerando o livro apenas uma introdução, o autor mostra como fazer o aconselhamento nas crises.

10. N. Thomas Rusk

– *Opportunity and Technics in Crisis Psychiatry*

O autor quer no livro mostrar que existem oportunidades e técnicas de natureza psiquiátrica em algumas crises, que passam a ser anormais, depois de algum tempo.

11. A. Gerald Sprta (others)

– *Crisis Intervention*

Outro livro sobre o específico assunto das crises.

12. Howard W. Stone

– *Suicide and Grief*

O autor mostra como as crises que geram tristezas podem resultar em suicídio.

13. Martin Strucker e...

– *The Concepts of Loss in Crisis Intervention*

Nesse livro o autor procura apresentar o conceito de crise como perda. É uma teoria dele.

14. Julian R. Taplin

– *Crisis Theory Critique and Reformulation*

Um livro que é próprio para conhecer as teorias do passado e as idéias do presente. O autor critica as teorias e apresenta reformulações.

15. Davick Switzer

– *The Minister As Crisis Counsetor*

O autor procura mostrar que a função do pastor é de conselheiro de pessoas em crise.

Esses 16 livros oferecem condições para se estudar cada uma das situações, quer em termos de Psicologia Pastoral, quer em termos de Aconselhamento, quer em termos de crises.